



Universidade de Aveiro Departamento de Comunicação e Arte
2013

**CATARINA
LOURENÇO
DOS SANTOS**

TELEVISÃO UNIVERSITÁRIA – Um estudo sobre a ESECTV

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Comunicação Multimédia, realizada sob a orientação científica do Dr. António Costa Valente, Professor do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro e sob a co orientação científica da Dr.^a Maria da Conceição Lopes, Professora Investigadora do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho aos meus pais e irmão.

o júri

Presidente

Prof. Doutora Lúdia de Jesus Oliveira da Silva
Professora auxiliar com agregação da Universidade de Aveiro

Vogal

Prof. Doutora Carla Sofia Costa Freire
Assistente 2 triénio do Instituto Politécnico de Leiria (arguente)

Vogal

Doutor António Manuel Dias Costa Valente
Professor auxiliar convidado da Universidade de Aveiro (orientador).

agradecimentos

aos meus orientadores, Professor Doutor António Costa Valente e Professora Doutora Conceição Lopes pelo *know-how* e apoio disponibilizado durante o período de trabalho.

à equipa da ESECTV especialmente ao Professor Francisco Amaral pelo apoio ao projeto.

aos meus colegas de licenciatura e mestrado, Bruno Renato Amaral e João Miguel Silva pelo apoio, motivação e espírito de grupo.

ao meu irmão pela amizade e carinho.

aos meus pais, agradeço todo o apoio e a oportunidade de realizar este mestrado.

à minha família e ao Bruno Rodrigues pela compreensão e apoio.

palavras-chave

Comunicação, Televisão, Escola, Educação, ESECTV, Programação cultural, Magazine, Efeitos dos *Media*, Públicos, Televisão Universitária, RTP.

resumo

A investigação desenvolvida, de acordo com a metodologia de estudo de caso, utiliza os métodos de constelação de atributos, entrevista e descritivo para possibilitar compreender o que é a ESECTV e qual o seu impacto nos estudantes da Escola Superior de Educação de Coimbra e na sociedade. Identificar o relacionamento e satisfação na participação prática, na criação de um programa televisivo.

No campo de estudos das ciências da comunicação, o presente trabalho pretende, ainda, ser um pequeno contributo para a informação sobre Televisão Universitária.

keywords

Communication, Television, School, Education, ESECTV, Cultural Programming, Magazine, Media Effects, Public, RTP.

abstract

The dissertation is presented under the title – University Television– the object of study is one of two television programs made by students broadcasted on national television.

This case study research uses the methods of constellation of attributes, interview and descriptive to enable understand what ESECTV is and which their impact on ESEC students and society is. Identify the relationship and satisfaction on television program practice participation creates.

On the field of science studies and communication, this work intends to be a small contribute to the University Television studies.

ÍNDICE

Apresentação	1
Motivação pessoal.....	2
Problemática e questões de investigação	3
Questões de investigação	3
Finalidades e objetivos.....	3
Cronograma	4
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
Capítulo 1 – Abordagem aos principais conceitos sobre televisão.....	5
1.1 Conceitos e teorias de comunicação.....	5
1.2 Uma abordagem à história da comunicação	10
1.2.1 Teorias e paradigmas de análise dos efeitos dos <i>media</i>	11
1.2.2 Funções dos <i>media</i> e Televisão como <i>mass media</i>	15
1.2.3 Tipos de estados e exposição aos <i>media</i>	16
1.2.4 Uma influência constante.....	18
1.2.5 Efeitos da Televisão.....	20
Capítulo 2 – A Televisão em Portugal	22
2.1 O caso da Televisão em Portugal	22
2.2 A Evolução da Televisão em Portugal.....	24
2.2.1 Do cabo para a Televisão Digital Terrestre (TDT).....	25
2.3 Abordagem à história da RTP	29
2.3.1 RTP 2 - Quem vê, quer ver	33
Capítulo 3 – A união entre Televisão e Escola.....	35
3.1 A Televisão Educativa – uma perspetiva.....	35
3.2 A Escola e a Televisão.....	37
3.3 Telescola.....	38
3.4 A importância da Televisão e do vídeo no ensino	39
3.5 Meio de demonstração e (in)formação escolar	41
3.6 O que é a ESECTV que passa na RTP 2?.....	44
3.7 Televisão Universitária	46
3.7.1 Uma abordagem à TV Universitária no Brasil	47

3.7.2 O que se espera da TV Universitária	50
3.7.3 Para que públicos?	51
3.8 Saber fazer, fazendo	53
PARTE II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	59
Capítulo 4 – Apresentação do Estudo de Caso.....	60
4.1 Contextualização do estudo de caso: Apresentação da ESECTV	60
4.1.1 Programa ESECTV é <i>Magazine</i>	63
4.2 Metodologia do Estudo de Caso	66
4.3 Constituição e organização da amostra do público alvo do estudo.....	67
Capítulo 5 – Apresentação e discussão dos resultados.....	68
5.1 Discussão dos resultados.....	71
Conclusões e desenvolvimento futuro.....	89
Bibliografia.....	94
Webgrafia	98
Outros.....	99
ANEXOS	100
Anexo 1 – Cronograma	101
Anexo 2 – <i>Clipping</i> : Jornal regional diário “Açoriano Oriental”	102
Anexo 3 – <i>Clipping</i> : Proposta de reconhecimento de mérito – ESECTV.....	103
Anexo 4 – Proposta de representação da constelação de atributos	104
Anexo 5 – Guia de entrevista aos alunos colaboradores (Grupo A).....	104
Anexo 6 – Guia de entrevista aos alunos ESEC não colaboradores (Grupo B) ..	105
Anexo 7 – Guia de entrevista ao Grupo C (representação da sociedade)	105
Anexo 8 – Entrevista ao Diretor da ESECTV (Grupo D)	106

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 - Catarina Santos - Projeto de Dissertação de Mestrado de Comunicação Múltimédia (Audiovisual Digital)-----	4
Fig. 2 - Representação da comunicação de massa. Fonte: Jean Cloutier -----	20
Fig. 3 - Logo da 2: no ano 2004. Fonte: <i>Site</i> RTP 2-----	31
Fig. 4 - Atuais (2013) moscas da RTP1 e RTP2. Fonte: <i>Site</i> RTP-----	31

Fig. 5 - Atuais (2013) moscas da RTP Maderia e RTP Açores. Fonte: <i>Site RTP</i>	-32
Fig. 6 - Atuais (2013) moscas da RTP Internacional e RTP África. Fonte: <i>Site RTP</i>	-32
Fig. 7 - Atuais (2013) moscas da RTP Memória e RTP Informação. Fonte: <i>Site RTP</i>	-33
Fig. 8 - Mosca e slogan atual (2013) da RTP2. Fonte: <i>Site RTP2</i>	-34
Fig. 9 - Telescola em transmissão. Fonte: <i>Site RTP</i>	-38
Fig. 10 - Telescola em sala de aula. Fonte: <i>Site RTP</i>	-39
Fig. 11 - Logo da ESECTV. Fonte: Blogue ESECTV	-45
Fig. 12 - ESECTV em Língua Gestual Portuguesa por Rafaela Silva. Fonte: Facebook ESECTV	-62
Fig. 13 - Gobi Bear nos estúdios da ESECTV. Fotografia de Catarina Santos	-63
Fig. 14 - Tarefas desempenhadas pelos estagiários	-71
Fig. 15 - Testemunhos de estagiários (ESECTV)	-73
Fig. 16 - Grupo A não via e não vê o programa	-74
Fig. 17 - Constelação de atributos - Satisfação (Grupo A)	-74
Fig. 18 - Constelação de atributos - Aspetos afetivos (Grupo A)	-75
Fig. 19 - Representação da visualização do programa (Grupo B)	-77
Fig. 20 - Grupo B não via ESECTV	-78
Fig. 21 - Conteúdos preferidos (Grupo B)	-79
Fig. 22 - Programa na Internet (Grupo B)	-80
Fig. 23 - Visualização da RTP2 (Grupo C)	-82
Fig. 24 - Conhecimento do programa ESECTV (Grupo C)	-82
Fig. 25 - Constelação de atributos - Palavras associadas (Grupo C)	-84
Fig. 26 - Grupo C não costuma ver o programa	-85
Fig. 27 - Conteúdos preferidos (Grupo C)	-86
Fig. 28 - Programa na Internet (Grupo C)	-88

INTRODUÇÃO

Apresentação

Inicialmente apresentam-se as motivações que impulsionaram a concretização desta dissertação de mestrado e, conseqüentemente a problemática e as questões de investigação. São estas que servem como ponto de partida a toda a pesquisa e também são o foco central ao qual a presente dissertação pretende responder. Seguem-se as finalidades e objetivos do presente trabalho e um cronograma que retrata as várias fases do mesmo.

Prosseguindo, este trabalho está dividido em duas partes e cinco capítulos, a primeira parte do trabalho é constituído por três capítulos e refere-se ao enquadramento conceptual.

No capítulo 1 abordam-se conceitos e teorias relevantes para um estudo sobre comunicação e conseqüentemente dá-se espaço para vários autores estudiosos daquela área. Ainda neste capítulo focam-se funções e efeitos dos meios de comunicação social, sendo que este termina já focalizado no *medium* aprofundado neste estudo, a televisão.

No capítulo 2 faz-se uma abordagem à televisão em Portugal tratando a evolução da televisão naquele país. É aqui que faz sentido recordar a história da RTP e perceber mais sobre o segundo canal, a RTP2 que acaba por ser a montra para o caso de estudo, aqui, levado a cabo, a ESECTV.

Por fim, o capítulo 3 é dedicado há ponte feita entre a Escola e a Televisão, introduzindo a Telescola como exemplo real (e que se revela recente) dessa possível união. É ainda neste capítulo que a investigadora propõe uma breve “viagem” ao Brasil, não com o intuito de se obter uma análise comparativa mas sim para, com aquela realidade, se abordar questões pertinentes sobre a Televisão Universitária. Este último capítulo termina sublinhando a importância de ambas as componentes de aprendizagem (teoria e prática), sendo destacada a prática como senha para a realidade profissional.

A segunda parte do presente trabalho refere-se à metodologia de investigação e está organizada em dois capítulos, o capítulo 4, composto pela apresentação e contextualização do estudo de caso (ESECTV) utilizado no decorrer do trabalho e também a constituição e organização do público alvo do estudo.

O capítulo 5, que finaliza a dissertação, tem como objetivo a apresentação e discussão dos resultados obtidos na análise de dados.

Motivação pessoal

O interesse em desenvolver um trabalho sobre televisão partiu da motivação que a investigadora adquiriu pela área televisiva sobretudo após seis meses de estágio na estação de Queluz, a Televisão Independente (TVI) em 2010.

Contudo tornou-se imperativo focalizar o estudo a desenvolver e recorrendo às origens de formação, surgiu a motivação para desenvolver o presente trabalho sobre a Televisão Universitária.

Desta forma, estando duas áreas sobre a mesa (televisão e ensino), tornou-se imprescindível referenciar a Telescola como ponte e união entre essas duas áreas.

Contrariamente ao que acontece no Brasil, em Portugal não existem muitos estudos sobre Televisão Universitária, daí ser relevante o contributo da informação recolhida sobre o tema em estudos daquele país. Desta forma sublinha-se que não se pretende fazer uma comparação da Televisão Universitária entre estes países.

Por fim, a escolha do programa da Escola Superior de Educação de Coimbra, ESECTV, como estudo de caso, surgiu pelo facto de a investigadora ter concluído a Licenciatura em Comunicação Social naquela instituição de ensino.

Problemática e questões de investigação

O estudo da temática de Televisão Universitária (TVU) mostra-se relevante no contexto atual de participação ativa de estudantes da área de comunicação social (e não só) no sentido de desenvolverem as suas capacidades, da teoria (das salas de aula), para a prática (necessária em contexto profissional).

As questões emergentes ao nível da importância e do papel das Televisões Universitárias mas também do reconhecimento delas por parte da comunidade estudantil da Instituição de Ensino Superior onde a mesma se insere, tornam a opinião daquela comunidade um fator relevante.

Desta forma, a investigação sobre o envolvimento colaborativo por parte dos estudantes na TVU e o reconhecimento do trabalho ali desenvolvido (no caso, um *magazine* cultural regional), torna-se foco para o desenvolvimento das seguintes questões de investigação a que o presente trabalho tentará responder.

Questões de investigação

- 1- Quais são as motivações e interesses dos alunos da Escola Superior de Educação de Coimbra para participarem nas atividades do programa de televisão da mesma escola (doravante ESECTV)?
- 2- Quais os conteúdos temáticos veiculados nas emissões da ESECTV?
- 3- Quais os impactos que a ESECTV tem na ESEC e na sociedade?

Finalidades e objetivos

Em conformidade com a problemática e de acordo com as questões de investigação para o estudo, definiu-se como finalidade de estudo compreender:

- a) O que é o projeto ESECTV;
- b) A importância que a ESECTV tem no percurso académico dos alunos da ESEC;
- c) A relação dos alunos da ESEC com a ESECTV;
- d) Como é que os sujeitos alvo não pertencentes à ESEC se relacionam com a ESECTV.

Por sua vez, são objetivos, da presente dissertação, identificar:

- 1- As motivações e os interesses dos alunos que participam na ESECTV;
- 2- As atividades desenvolvidas pelos alunos, no âmbito da sua participação no projeto;
- 3- O relacionamento dos sujeitos alvo da amostra com a ESECTV;
- 4- Os conteúdos temáticos da programação da ESECTV.

Cronograma

(ver Anexo 1)



Fig. 1 - Catarina Santos - Projeto de Dissertação de Mestrado de Comunicação Multimédia (Audiovisual Digital)

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1 – Abordagem aos principais conceitos sobre televisão

1.1 Conceitos e teorias de comunicação

A comunicação é um conceito tão vasto e complexo que fica longe a ideia de o abordar em todos os aspetos da sua imensidão e riqueza. Ainda assim não será errado afirmar-se que a comunicação invade todos os campos, desde a área das relações humanas, passando pela área do *marketing*, dos meios políticos, naturalmente também da imprensa, do campo do audiovisual, da publicidade, da psicoterapia individual (ou em grupo), ou até na esfera da religião.

Sabe-se que a forma de comunicar sofreu, ao longo dos anos, alterações que em muito dizem respeito à evolução das novas tecnologias. Isso será compreensível sobretudo se se tiver em atenção que cada vez mais se comunica através da Internet ao invés de se preferir a carta. Este é um exemplo simples que não pretende relativizar a evolução do próprio conceito que é sobretudo uma ação que pretende pôr em comum “(...) associar, entrar em relação, estabelecer laços, tornar comum, partilhar” tal como Conceição Lopes (1998) descreve na sua tese de doutoramento. Esta ação, porém, só é possível com dois ou mais sujeitos que se ocupam, em simultâneo, dos lugares de emissor e recetor e vice versa.

Do latim “*communicare*”, comunicação significa pôr em comum, conviver. Este “pôr em comum” implica necessariamente que o transmissor e o recetor estejam dentro da mesma linguagem, caso contrário não se entenderão e não haverá compreensão (Moderno, 1992).

Comunicar é uma característica do ser humano. Este comunica sob várias formas. Em tudo o que um sujeito faz e até mesmo da forma como faz (olhar, a forma com se veste, como anda, etc.), está sempre a comunicar.

Têm sido feitas imensas tentativas para definir comunicação, porém a verdade é que a procura de uma única definição “(...) talvez esteja longe de ser tão proveitoso e fecundo quanto o explorar em profundidade os vários conceitos nela subentendidos” (Freixo, 2002, p. 28). Isto porque a palavra, comunicação, é

utilizada em diversos contextos, servindo para designar realidades muito diferentes, “tanto pretende indicar o sector das novas tecnologias da informação, a área de intervenção de um jornalista (jornal, rádio, televisão... internet) como, ainda, o domínio do engenheiro de telecomunicações, a «política de comunicação» de uma empresa graças à qual esta pode gerir melhor a sua imagem, a sua própria «comunicação interna», para além de constituir também matéria que se ensina e aprende nas universidades” (Freixo, 2002, p. 28).

Por tudo isto, devido à sua natureza multidisciplinar, será incorreto pensar-se numa única definição possível e é utópico achar-se fácil esta tarefa de definir comunicação.

Contudo é importante referir que a comunicação “feita através das novas tecnologias, libertou o homem dos constrangimentos do tempo e do espaço, permitindo-lhe um acesso (...) de uma ponta à outra do planeta e multiplicando os meios, orais, escritos, visuais, etc.” (Lima, 2011).

Aquele conceito (comunicação) e a evolução dos próprios meios levam a um outro conceito, também ele de difícil definição: comunicação social.

Ora, se por um lado a comunicação social é (há semelhança de comunicação) um campo do conhecimento estudado e aprendido, também é verdade que a comunicação social é, grande parte das vezes, entendida como designação aos meios de transmissão de informação, como por exemplo, o jornal, a rádio, a televisão.

O ser humano tem formas de conseguir comunicar para um maior número de pessoas, em vez de fazê-lo individualmente. É até possível comunicar-se, levando uma mensagem a recetores que não estão presentes na hora da comunicação.

Para tal, usam-se os *mass media* que “são, tradicionalmente, a imprensa, o cinema, a rádio e a televisão” (Cloutier, s/d, p. 69), sendo que a comunicação de massas forma a opinião pública que se manifesta “como uma estrutura formada por temas institucionalizados, obedecendo a uma valorização de relevância por parte dos meios de comunicação de massas em função das necessidades do sistema político” (Saperas, 1993, p. 91).

Assim, percebe-se que “um orador que fala para uma multidão com a ajuda de um altifalante não utiliza um “*mass-media*”; se ele fala pela rádio já utiliza um “*mass-media*”. As estações públicas de rádio são “*mass-media*”, mas não o rádio a bordo de um avião ou de um navio. A televisão pública é um “*mass-media*”, não a televisão e, circuito fechado numa empresa (...)” (Moderno, 1992, p. 27).

Desta forma autor argumenta que os “*mass-media*” são “instituições, juridicamente reconhecidas, do estado ou privadas, que produzem e difundem mensagens para o grande público dispondo de uma tecnologia que permite ampliar e transmitir as mensagens (...)” (Moderno, 1992, p. 27 *apud* Abastado 1978, p. 36).

Assim, a comunicação social mediatizada através dos *media* favorecem a flexibilidade psíquica às audiências e é ao mesmo tempo um grande fator de socialização, assimilação de cultura, de disseminação de informação e de modelação social do conhecimento.

Durante o estudo e pesquisa sobre o campo das ciências sociais, destacam-se dez possíveis tradições disciplinares que integram esse mesmo campo.

Não fazendo uma análise profunda, importa porém abordá-las.

Na tradição sócio psicológica a comunicação é entendida como influência interpessoal; na cibernética a comunicação é entendida como transmissão de informação. Aqui dá-se a aplicação do conceito de *feedback* ao comportamento humano. Este conceito é a palavra chave para a explicação do comportamento intencional.

É também nesta tradição que importa referir a teoria da informação de Claude Shannon, sendo a transmissão de informação o grande enfoque e o ruído (Wolf, 1999) o problema a resolver nessa transmissão (Serra, 2007).

A terceira tradição é a retórica, onde a comunicação é entendida como arte de falar em público. Nesta tradição sublinha-se o contributo do filósofo Aristóteles que na obra “Arte Retórica” (séc. IV A.C.), resumidamente, destacou três condições: 1) pessoa que fala (locutor); 2) discurso que faz e 3) a pessoa que ouve (Rorty, 1996).

Depressa se percebe o cerne da questão que surge quando o orador evidencia confiança na prática argumentativa e pode, perfeitamente, levar o interlocutor a agir. Assim, pode dizer-se que o poder e a beleza da linguagem tornam a retórica persuasiva.

Segue-se a tradição semiótica que determina a comunicação como processo de partilha de significados através de signos.

Note-se que, os signos podem ser palavras mas também imagens, etc. As palavras podem ser arbitrárias (como defendeu Ivor Richards sobretudo na sua colaboração com Charles Ogden na obra *The Meaning of Meaning* de 1923, num estudo sobre a influência da linguagem através da ciência do simbolismo), isto porque ganham diferentes significados devido ao contexto em que o enunciado se produz.

A quinta tradição, sócio cultural, entende comunicação como construção da realidade social e cultural, ou seja, quando as pessoas comunicam, produzem e reproduzem cultura. Assim, todas as línguas são diferentes e transportam significados.

Nesta tradição é relevante recordar a teoria da interação simbólica de George Mead, onde se acreditava, resumidamente, que o ser humano reage, em relação às coisas de acordo com os significados que ele (ser humano) atribui a essas coisas.

Na tradição crítica a comunicação é vista como desafio reflexivo sobre o discurso da injustiça. De génese marxista, considerava-se os *media* como parte do aparelho ideológico da classe dominante e por isso este processo de comunicação não se podia dissociar do contexto sócio histórico cultural.

A Escola de Frankfurt sublinha a tendência dos *media* para a divisão dos produtos culturais que se correlacionam com o domínio e a integração ideológica da sociedade, que são instrumentos mediadores entre classes dominantes e as dominadas. Habermas (que faz parte dessa escola) é o autor da teoria do agir comunicacional, onde destaca que é esse agir que permite o estabelecimento de normas que possibilitam as ações e os entendimentos entre os humanos.

A sétima tradição é denominada de tradição fenomenológica onde a comunicação é tida como experiência do próprio e dos outros, no cotidiano. Aqui sublinha-se a análise quotidiana a partir do ponto de vista da pessoa que a experiencia. É importante focar a percepção e interação das pessoas (na própria experiência).

Sobre essa experiência o psicólogo Carl Rogers defende que ocorrem dez características: congruência, expressividade, positivismo incondicional, autonomia (face ao outro), segurança, entendimento empático, aceitação incondicional, elegância e delicadeza, responsabilidade e, por último, confirmação do outro.

A oitava tradição diz respeito à ética em que a comunicação é tida como responsabilidade ética e, seguindo as linhas dos pensamentos e filósofos Platão e Aristóteles, a comunicação deve contemplar: integridade, responsabilidade, expectativa e deve, ainda, compreender e respeitar os outros (Serra, 2007).

Segue-se a tradição pragmática onde se sublinha a impossibilidade de não comunicar. Na análise da pragmática a comunicação é reveladora da realidade de cada pessoa no seu contexto.

Por último, está a tradição sistémico antropológica onde a comunicação é vista como sistema aberto de interação. Aqui destaca-se a pessoa como um todo integrado no universo.

Assume-se pertinente inserir algumas ideias da teoria orquestral, mais propriamente da Escola de Pensamento de Palo Alto onde se ressalta não apenas a impossibilidade de não comunicar, como o processo de codificação (*versus* descodificação) que se baseia no conhecimento que o ser humano já tem acerca do significado da informação.

Assim, o processo comunicacional deriva da interação da estrutura da linguagem verbal, das características de cada ser humano e através do contexto em que se dá a comunicação, que a sua significação tem sentido.

Vários autores usam a metáfora de orquestra para demonstrar a interação dos protagonistas da comunicação (o ser humano), numa determinada situação.

Desta forma não será errado dizer-se que a comunicação é como um processo e sistema aberto de ação e interação simbólica e de transação. Como este sistema não é circular (porque inclui *feedback*), é considerado internacional.

Assim, cada pessoa é simultaneamente emissor-recetor no processo de comunicação.

Para autores como, por exemplo, Marshall McLuhan e Postman, as tecnologias (da comunicação) são a principal causa das mudanças na sociedade e são vistas como condição fundamental de sustentação do padrão da atual organização social.

O autor Postman defende, por exemplo que a técnica produz a sua influência nos campos, social e psicológico.

No sentido de nos aproximarmos um pouco mais das alterações sofridas pela comunicação, propõem-se a leitura do ponto seguinte onde se faz uma abordagem à história da comunicação.

1.2 Uma abordagem à história da comunicação

A história da comunicação faz-se com a criação de um novo *medium* pelo emissor-recetor (designado por EMEREC¹ no livro de Jean Cloutier) ao longo do tempo. Naturalmente este é um processo moroso que, consciente ou inconscientemente transforma o próprio EMEREC.

A história da comunicação é também cumulativa, uma vez que “cada nova linguagem, cada novo *medium* que Emerec criou no decurso dos tempos, sobrejuntou-se aos outros, aumentando assim a sua capacidade de comunicação” (Cloutier, s/d, p. 21).

Contudo, de acordo com o autor Jean Cloutier, é possível dividir-se a história da comunicação em quatro episódios, sendo que cada episódio é caracterizado por um novo tipo de comunicação.

O primeiro é o da exteriorização, onde o emissor-recetor se exprime através do corpo com gestos e palavras, “sem deixar de se referenciar ao seu meio ambiente imediato” (*idem*).

¹ Palavra criada a partir “das primeiras letras das palavras francesas - «émetteur-récepteur»” (Cloutier: 12).

Neste primeiro episódio o homem é o único *medium* de comunicação sendo, por isso, apenas possível a comunicação interpessoal.

No segundo episódio nasce a comunicação de elite e nela inclui-se o desenho a música e a escrita fonética², “o tempo é vencido e o muro das cavernas constitui a primeira biblioteca” (Cloutier, s/d, p. 21).

Os *mass media* (ou meios coletivos) têm lugar no terceiro episódio que começa com a implementação da imprensa e “conhece o seu apogeu com o satélite” (Cloutier, s/d, p. 21).

É neste período que a comunicação de massas se enquadra na história.

Por fim, o quarto episódio chega com a gravação de sons e imagens. Esta técnica “fornece a Emerrec novas linguagens e novos media” (*idem*), os *media* individuais (também denominados *self-media*) tornavam, assim, possível a comunicação individual.

1.2.1 Teorias e paradigmas de análise dos efeitos dos *media*

Conforme a história da comunicação se foi escrevendo e reescrevendo, estudiosos foram desenvolvendo teorias e paradigmas sobre os efeitos dos meios de comunicação que, embora alguns estejam já ultrapassados por outros, merecem destaque devido à importância e contributo que tiveram na criação desses outros.

Assim, começa-se por referir o funcionalista pragmático que se baseia na ideia de que o ser humano obedece a automatismos comportamentais afirmando que os *media* detêm o poder absoluto sobre o ser humano.

Na altura os *media* afirmavam-se (jornais, cinema, rádio) e tinham um efeito *bala mágica* (Wolf, 1999, p. 29) nas massas (então, apenas existia a ideia de “o público”). Considerava-se, por isso, que a influência dos *media* era, uniforme, avassaladora e direta.

² Escrita fonética ou fonografia, contentava-se em fazer a notação dos sons através de sinais arbitrários, os quais não têm sentido senão para o leitor que os sabe juntar (Cloutier: 125).

Este efeito permitiu criar a teoria da agulha hipodérmica em que se acreditava que o recetor era passivo e existia uma massa de indivíduos sem rosto. Este modelo considerava os *media* como uma seringa que injetava informação.

Por sua vez, Lasswell pretendeu determinar a estrutura e a função da comunicação na sociedade e por isso desenvolveu o paradigma “quem diz, o quê, a quem e para quê?” (isto é, com que efeitos) no sentido em que ao responder-se a essas questões estar-se-ia, também a descrever o ato de comunicação (Wolf, 1999).

Harold Lasswell conclui que os *media* afetam o público pelo conteúdo, os efeitos são através de reações manifestadas, sendo que há uma influência no contexto social, cultural e ideológico mas mais ainda, o autor reconhece um *feedback* (do destino à fonte). Assim, esta teoria ultrapassou a visão redutora e simplista da teoria da agulha hipodérmica.

Outra teoria que aqui importa referir é a de Paul Lazarsfeld, a teoria dos efeitos limitados que tem como base a ideia de que o ser humano tem a capacidade de fazer escolhas e é capaz de procurar e encontrar um meio de comunicação cujo conteúdo é compatível com os seus modelos de ver, assim, deteta-se uma participação ativa do público, embora se tenha noção que “esta análise das satisfações deveria ser executada a muitos níveis” (Wolf: 35).

Porém, Joseph Klapper partia da teoria de Lasswell e estudava os efeitos dos anúncios nos comportamentos de consumo e as campanhas publicitárias nas escolhas político partidárias. Nesta teoria, teoria dos efeitos, os recetores eram considerados pessoas que realizavam ações em contextos sociais determinados. Desta forma os recetores não se exponham “`rádio, à televisão ou ao jornal num estado de nudez psicológica; pelo contrário, apresentam-se revestidos e protegidos por predisposições já existentes, por processos selectivos e por outros factores” (Wolf, 1999 *apud* Klapper, 1963).

Por outro lado, o modelo teórico dos usos e gratificações (de Blumler e Katz) é uma tentativa de produzir um conjunto de provas dos efeitos que os *media* têm sobre o público (quer pelo uso, quer pela satisfação). Tratava-se, assim, de determinar como é que os conteúdos dos *media* afetavam o público, sendo que

esse conteúdo (dos *mass media*) “não pode influenciar o indivíduo que não faça uso dela no contexto sociopsicológico em que vive” (Wolf, 1999 *apud* Katz, 1959). Desta forma o efeito da comunicação de massa é entendido como sequência das satisfações às necessidades experimentadas pelo recetor” (Wolf, 1999, p. 70).

No paradigma matemático informacional, destaca-se a preocupação científica pelos sistemas de controlo e produção de comportamentos automáticos. Para tal foi importante o conceito, anteriormente referido, de *feedback* (Wiener, 1965) que com a previsibilidade e o cálculo (matemático), motivaram a este paradigma. Este era um modelo linear, assim, no contexto da propaganda: A comunica com B quando este, no seu comportamento (de resposta) corresponde às intenções de A (Serra, 2007, p. 97).

O paradigma crítico radical focalizava-se na questão da dominação ideológica. Defende que a prática científica não pode resumir-se à recolha de dados esquecendo-se de referir as forças sociais que os determinam. Estudiosos deste paradigma destacam o papel da ideologia na comunicação. Aqui, a comunicação está ao serviço da ideologia.

Já Habermas defende a teoria do agir comunicacional que, em traços gerais é uma análise ideológica da técnica. Existe o interesse técnico, mas também interesse de ordem prática e interesse em emancipar-se, sendo que o conceito chave da teoria de Habermas é o de esfera pública.

Na segunda metade do século XVII, o capitalismo motivou a constituição de uma esfera pública, em espaço de discussão pública dos debates temáticos que animavam a vida burguesa, no mundo ocidental.

A consolidação da reflexão crítica coletiva teve como fatores: a propriedade privada, lucro financeiro, expressão da indústria editorial, isto é, crescimento das empresas jornalísticas (e a circulação de jornais) dando discussão aos temas do quotidiano vivencial. Assim, “denunciando a separação e a oposição do indivíduo em relação à sociedade como resultante histórica da divisão de classes, a teoria crítica confirma a sua tendência para a crítica dialéctica da economia política” (Wolf, 1999, p. 83).

Segue-se o paradigma conflito dialético. Este paradigma defende que a classe social usa o poder dos *media* para fazer prevalecer a sua ideologia, isto é, os seus modos de representar a realidade e, assim, dominar (sob domínio ideológico) as outras classes sociais.

Existe, ainda, o paradigma mediológico (teoria de McLuhan). As preocupações de McLuhan situam-se no domínio dos efeitos do processo da comunicação mediatizada.

Para este autor, os *media* são como extensões do corpo humano (que potenciam a experiência sensorial).

A sua tese opera em todos os domínios da vida em sociedade. Com esta teoria acredita-se que a invenção ou adaptação de uma ou outra tecnologia de comunicação provoca efeitos de transformação: social, cultural e política.

O mesmo autor classificou os *media* em: *hot media* – seriam o livro, jornal, rádio (todos os que dinamizam um sentido: a visão, audição e) apresentam informações bem definidas; *cool media* – a banda desenhada, telefone fixo, televisão (informações mal definidas, exigindo aos recetores uma maior participação sensorial para apreenderem a mensagem).

Por fim, o culturoológico que realça a relação entre o ser humano (consumidor) e os meios de comunicação (objeto de consumo) (Wolf, 1999).

O mesmo autor explica que “por conseguinte, a teoria culturoológica não diz directamente respeito aos *mass media* e, muito menos, aos seus efeitos sobre os destinatários: o objecto de análise que, programaticamente, se procura atingir é a definição da nova forma de cultura da sociedade contemporânea” (*idem*).

A teoria *cultural-studies* desenvolve-se a partir da teoria crítico radial vista anteriormente. “O interesse dos *cultural studies* centra-se, principalmente, na análise de uma forma específica de processo social, relativa à atribuição de sentido à realidade, à evolução de uma cultura, de práticas sociais partilhadas, de uma área comum de significados” (Wolf, 1999, p. 108).

1.2.2 Funções dos *media* e Televisão como *mass media*

Sean MacBride (1980) defende a comunicação como fator determinante de desenvolvimento social e humano.

É possível destacar as funções dos *media* (que são também as suas potencialidades) sob a perspectiva deste autor. A saber: informação como reunir, armazenar, tratar, difundir as notícias, os factos e os comentários para a compreensão das situações individuais, coletivas nacionais e internacionais e estar em condições de tomar decisões; socialização, tomada de consciência indispensável à ativa participação na vida pública; motivação, promover as opções pessoais e as aspirações individuais mas também estimular as atividades individuais ou coletivas orientadas para a realização de objetivos comuns; discussão e diálogo clarificando os pontos de vista sobre questões de interesse público; educação, transmitindo conhecimento contribuindo para o desenvolvimento espiritual; promoção cultural alargando o horizonte cultural despertando a imaginação e estimulando a criatividade; distração (remetendo para o lúdico) favorecendo acesso à diversidade de mensagens (UNESCO, 1980).

Se agora se pensar na televisão, verificar-se-á todas estas funções, sendo que umas terão prioridade a outras de acordo com o que cada indivíduo necessita.

E muitos dirão que a televisão é “a caixa mágica”, outros que é a sua companhia no quotidiano, contudo há também quem não veja televisão. Mas afinal o que é a televisão? A televisão é, sobretudo, um meio de comunicação que reproduz, transmite e recebe imagens em movimento a cores, ou a preto e branco, com ou sem som.

A palavra televisão é várias vezes usada erradamente para referir o aparelho (televisor ou aparelho de televisão) que capta as ondas eletromagnéticas³ que permitem ser (através dos seus componentes internos) novamente convertidos em imagem e som (uma vez que antes de se

³ Termo que se refere à radiação eletromagnética que é, em termos gerais, uma oscilação dos campos elétricos e magnéticos que, autossustentando-se, estão separados das cargas elétricas que lhe deram origem.

transformarem em ondas eletromagnéticas, foram imagem e som captados por câmaras e microfones).

O aparecimento da televisão foi um marco na história dos *media*. Desde então, continua a cativar audiências e indubitavelmente, a ter um importante destaque enquanto meio de comunicação de massas, uma vez que “os *mass-media* estão centrados na difusão de mensagens que constituem produtos culturais colectivos” (Cloutier, s/d, p. 15).

Este meio de comunicação permite um envolvimento de estímulos substancial, isto é, este meio requer mais participação ativa por parte do utilizador incluindo a percepção e a simultânea compreensão, daí ser considerada um *cool media* na caracterização de McLuhan, como vimos no ponto anterior.

Assim, apesar de ser uma atividade considerada, por muitos, sedentária (principalmente porque, por norma, vê-se televisão sentado ou deitado), a visualização de televisão trabalha com dois dos cinco sentidos, do ser humano, a visão e a audição.

1.2.3 Tipos de estados e exposição aos *media*

O autor James Potter (2012) explica o que significa estar exposto às mensagens dos *media* começando por esclarecer que estar exposto não significa que o sujeito esteja a prestar atenção.

Todavia mesmo que um sujeito não esteja atento às mensagens dos *media* estas têm maneira de entrar na mente desse sujeito e afetá-lo de várias formas (Potter, 2012).

Para se estudar os efeitos dos *media* tem, necessariamente, de se saber distinguir estes termos (exposição e atenção) e perceber que, de acordo com James Potter, existem três tipos de exposição: físico, percetual e psicológico.

Em termos gerais, a exposição física diz respeito à proximidade do sujeito com a mensagem no tempo e no espaço; a exposição percetual considera os sentidos visuais e auditivos do ser humano. Neste critério é considerada a ligação entre a

captação e o processo no cérebro. Desta forma o autor explica que o nosso “eye-brain” (Potter, 2012, p. 19). não consegue ser suficientemente rápido para visualizar os cortes que existem entre vinte e quatro imagens por segundo projetadas num filme, no cinema, e por esse motivo vemos imagens em movimento.

Os mesmos limites aplicam-se à televisão mas neste caso o que o ser humano não consegue ver são os *pixels* individualmente (Potter, 2012).

Por último, a terceira exposição, definida como psicológica, ocorre através de um elemento criado pela mente. Esse elemento pode ser uma imagem, um som, uma emoção, um padrão, etc. Esses elementos podem entrar na mente de forma consciente (o sujeito tem consciência de que se está a expor a esse elemento) ou de forma inconsciente (em que o sujeito não está ciente de que esses elementos estão a entrar na sua mente).

O tempo que esses elementos permanecem na mente, pode variar entre breves momentos (alguns segundos podendo, inclusive, desaparecerem da memória) ou podem permanecer ao longo da vida (Potter, 2012).

Desta forma, o autor sublinha o quão raro é a ocorrência da atenção no ser humano, uma vez que para tal acontecer a mente deve estar “limpa” destes três tipos de exposições. Para além disso acrescenta, “*while we are paying attention to one thing, our attention can be distracted away to another thing*” (Potter, 2012, p. 21).

O autor indica, ainda, quatro estados de exposição que vão dar uma experiência diferente ao sujeito exposto às mensagens dos *media*.

Os quatro estados de exposição são: intencional, quando o sujeito exposto às mensagens dos *media*; o automático, quando o sujeito não está ciente dessas mensagens no próprio ambiente psicológico. O autor dá o exemplo de quando se está a ler e se está concentrado nas palavras mas ao mesmo tempo existe um rádio a tocar em som ambiente e se começa a cantar a letra da música que está a tocar. O autor identifica que a exposição aos *media*, sobretudo da rádio e televisão, é feito neste estado e acrescenta, “*People in the automatic state can be flipping through the pages of a magazine or clicking through the channels on a TV.*

While there is evidence of behavior, this is not necessarily mean that people's minds are engaged and they are making decisions" (Potter, 2012, p. 22).

No terceiro estado de exposição, denominado como estado transportado, o sujeito é de tal forma devastado pela mensagem dos *media*, isto é, vive de tal forma a experiência da mensagem, que perde a noção de tempo e espaço. Neste estado o sujeito foca-se tanto na mensagem dos *media* que elimina as barreiras entre ele e a mensagem. Ao contrário do estado automático, aqui, o sujeito entra na mensagem dos *media* e perde a noção do seu mundo social. Para exemplificar estes casos, o autor remete para a visualização de um filme no cinema em que alguns sujeitos vivem as emoções dos personagens e sentem o tempo a passar tal como os personagens sentem (Potter, 2012).

O último estado de exposição é traduzido como estado auto-reflexivo. Aqui é como se o sujeito estivesse sentado "(...) on your shoulder and monitoring your own reactions as you experience the message" (Potter, 2012, p. 23). Ou seja, neste estado o sujeito não só faz uma análise da mensagem dos *media* como ainda faz uma análise à sua análise da mensagem.

Assim sendo, este estado é caracterizado pelo sujeito estar altamente envolvido em termos cognitivos e mais consciente de como o próprio está a processar a sua exposição às mensagens (Potter, 2012).

1.2.4 Uma influência constante

Para James Potter (2012), a consciência do ser humano não presta muita atenção a mensagens dos *media* quando, aquela, está em "processo automático"⁴ e por esse motivo, Potter acredita que o sujeito está a perder muitas mensagens que podem ajudar e ser agradáveis para aquele.

⁴ Expressão utilizada pelo autor e esclarecida da seguinte forma: "*Psychologists refer to this automatic processing of information as automaticity. Automaticity is a state of wherein our minds operate without any conscious from us*" (Potter 2012:10).

Mas o autor diz que a consciência, mesmo em “piloto automático”, pode ser despertada e posta em atenção. Contudo alerta, “*we might not have programmed all triggers we need to help us get of automatic processing when a useful message comes our way*” (Potter, 2012, p. 11).

Pelo facto do ser humano passar muito tempo a processar, automaticamente, mensagens dos *media*, eles exercem uma influência contínua sem que o sujeito se aperceba disso. Tipicamente o sujeito segue os seus hábitos dia após dia porque é mais fácil fazê-los dessa forma do que repensar tudo, todos os dias. Mas isto levanta uma pergunta: “Quem programou o código do computador que gera as rotinas automáticas do sujeito?” (Potter, 2012, p.11).

A resposta a essa pergunta é o próprio sujeito, que programou alguns desses códigos, mas existem outras forças que também o fizeram. Essas outras influências são apontadas pelo autor como sendo: os pais, os amigos, a sociedade em geral com as suas normas sociais, o sistema educativo, mas também outras instituições (como a religião, políticas, o sistema de justiça, o governo, etc.), e os *media*.

Cada um deles continua a exercer influência na forma como pensamos, como nos sentimos e como nos comportamos. Algumas destas influências são óbvias e fáceis de se notar, mas a maioria delas ocorrem subtilmente e formam, inconscientemente os códigos mentais (*idem*).

Quando não se está, conscientemente, a prestar atenção a essas influências, depressa se formam códigos mentais sem que o sujeito esteja ciente. Isto acontece no caso dos *media* porque o sujeito está exposto a inúmeras mensagens por parte daqueles.

Com o tempo, essa exposição torna-se um hábito fazendo com que o sujeito exposto nunca pense nisso. O autor explica, “*For many of us, we turn on the radio every time we get in our cars, turn on the television as soon as we get home, and turn on our computer when we get up in the morning. Once we open these channels – the radio, the television, the computer – storytellers pump messages into our subconscious*” (Potter, 2012, p. 11).

1.2.5 Efeitos da Televisão

Na comunicação de massas o *medium* (quer seja o jornal, a rádio, a televisão, ou o cinema) ocupa o lugar central, como é visível na Figura 2, Esse *medium* satura de mensagens os emissores-recetores que os rodeia e junto dos quais ele próprio se alimenta, visto que os *mass media* são, de certa forma, os espelhos das sociedades (Cloutier, s/d, p. 76).

Nesse sentido, a determinada altura, passou a ver-se muita televisão e por esse motivo não surpreende a preocupação sobre saber os seus efeitos, assim como a possibilidade de influenciar opções e comportamentos (Goodhardt *et al*, 1980).

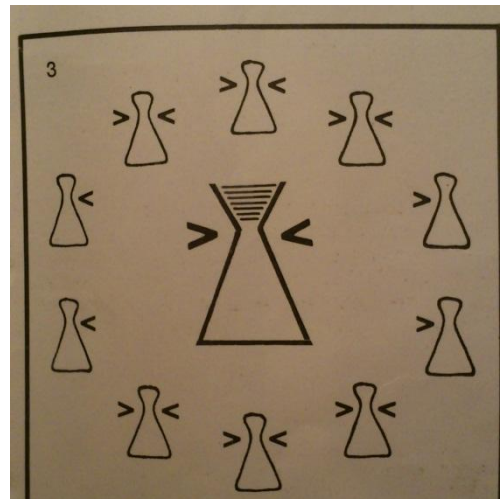


Fig. 2 - Representação da comunicação de massa. Fonte: Jean Cloutier

Dessa forma, importa sublinhar que se reconheceu o poder da televisão como veículo para difundir mensagens, “*policicians, social observer, programme makers, and avertisers have all been conscious – pherhaps too conscious – of the alleged power of television as a medium*” (Goodhardt *et al*, 1980, p. 31).

Porém, é constante referir-se os efeitos negativos que a televisão tem sobre o telespetador, sobretudo se esse for criança. Este facto compreende-se devido ao diferente impacto que exerce entre as crianças e os adultos. Enquanto para estes últimos pode, até ser positivo porque, por exemplo, “*(...) provoca un relajamiento de las tensiones emotivas acumuladas, puede transformarse en una atitute mimética en lós jóvenes y en los imaduros, ya que en los primeiros prevalece, de hecho, proyección sobre la identificación, mientras que ocurre lo contrario entre los espectadores inmaduros*” (E. Tarroni *et al*, 1978, p. 33) sobretudo devido “*a una cierta pobreza de su vida emotiva*” (*idem*).

Sobre efeitos negativos alguns autores como Cristina Sardo (2007) e Amal Datta (2007) afirmam, por exemplo que as crianças passam muito tempo a ver televisão e que essa atividade fomenta o sedentarismo e comportamentos passivos, “que tira tempo às crianças para a realização de outras actividades, nomeadamente para a leitura e realização das tarefas escolares (...)” (Sardo, 2007, p. 31).

Amal Datta levou a cabo um aprofundado estudo (na Índia) sobre os efeitos da televisão no comportamento em diferentes tipos de cidadãos, nomeadamente, em termos de idade (dos quinze, ou menos, até cinquenta e cinco, ou exceccionalmente, mais), localização da habitação (urbano ou rural), grau académico, género, entre outras características. Os seus sujeitos alvo eram relacionados a vários programas de televisão por cabo e, entre várias conclusões pode ler-se que sujeitos com alguma qualificação académica veem muitos programas de televisão que são emitidos à noite. Nas crianças são apresentados alguns efeitos sobre a visualização tardia de televisão tais como o facto de afetar fortemente o estudo, “*indeed, a higher, 55.7% reported that the rond the clock television telecast affects the study of children. Such opinion has been found slightly higher 57.5% in urban areas in comparison with 52.0% in rural area*” (Datta, 2007, p. 84).

Outros efeitos remetem para a falha dos compromissos, nomeadamente dos estudantes que diz o estudo, não conseguem chegar a tempo às aulas.

Assim, é frequente considerar-se que a televisão é um meio com influência nefasta, sobretudo ao nível do comportamento das crianças, no seu desenvolvimento mental e nas suas atitudes.

Na preocupação de se perceber os efeitos da televisão, há uma tendência para instruir a televisão como explicação de determinados fenómenos sociais, nomeadamente violentos. E embora se afirme que, de facto, a televisão trouxe violência real para dentro da casa dos telespetadores “(...) *it certainly true that westerns and other fictional television programmes continually portray a world in which both good guys and bad guys use violence to solve problems* (...)”(Goodhardt *et al*,1980, p. 132), a verdade é que nem todos os fenómenos violentos que surgem são uma imitação do que foi visto na televisão “*here it has*

been widely recognised that people do not rush out into the street to imitate what they have just seen on the screen” (idem).

Os *media* intervêm direta e ativamente na determinação da vida social. Exercem a sua influência sobre a opinião pública, ora produzindo todos os seus elementos, ora modificando-os. Assim, o poder dos *media*, na sociedade, é um facto reconhecido de que decorre a sua relevância como elemento de cultura (UNESCO, 1982).

António Moderno (1992) acredita que um dos problemas fundamentais da sociedade deve-se à comunicação e aos meios de comunicação. “A complexidade de formas que torna o mundo moderno, motiva um estudo científico, interessando a matemáticos, sociólogos, psicólogos, pedagogos e linguistas.

Todo o sistema vivo está em comunicação com o meio: recebe estímulos a que reage e mensagens a que responde, modificando o seu comportamento” (Modeno, 1992, p. 16).

O autor sublinha que o que é característico no ser humano “é a extensão do seu poder de comunicação e a diversidade dos meios e dos códigos utilizados. O homem criou ao longo da sua história novos tipos de relações: as técnicas permitem-lhe entrar em contacto com realidades longínquas no espaço e o tempo, e as informações que recebe integram-se no seu saber, na sua cultura (...)” (*idem*).

Capítulo 2 – A Televisão em Portugal

2.1 O caso da Televisão em Portugal

A televisão portuguesa, RTP (canal estatal), inicia as emissões regulares em 1957. A televisão portuguesa estava condicionada a cumprir determinadas regras, uma vez que nessa altura, Portugal ainda vivia a ditadura imposta

pelo Estado Novo e a televisão, tal como todos os outros meios de comunicação social nessa altura em Portugal, estava sob o controlo da censura. “Primeiro com Salazar e mais tarde com Marcello Caetano, a RTP foi sempre, designadamente através dos seus serviços noticiosos regulares, o principal porta-voz da política totalitária dos dois ditadores do Estado Novo” (Cádima, 1999, p. 31).

A queda da ditadura portuguesa, em abril de 1974, gerou uma forte recessão da censura e consequentemente uma maior liberdade.

São lançados, posteriormente, três canais: a RTP2, em dezembro de 1968, e nas respetivas regiões autónomas a RTP Madeira, em agosto de 1972 e a RTP Açores, em agosto de 1975 (Cádima, 1999).

Mas só em março de 1980 é que começaram as emissões regulares a cores em Portugal, com o Festival da Canção na RTP.

A RTP Internacional chega em fevereiro de 1992, que passa a emissão regular a junho desse ano.

Foi já no início dos anos 90, que surgiram os canais de televisão privados, a SIC (Sociedade Independente de Comunicação) a outubro de 1992 e a TVI (Televisão Independente) fevereiro de 1993 (Cádima, 1999).

Nesta altura, a TVI chama-se 4, por ser o quarto canal de televisão em Portugal.

Em 1994 chega a Portugal a Televisão por Cabo (como será aprofundado no ponto 2.2.1).

Neste ano, é também a TVI a primeira televisão em Portugal a emitir alguns programas em ecrã panorâmico, o chamado 16:9.

Porém, a TVI abandona aquele formato em 1996 e é recuperado em dezembro do ano seguinte pela RTP, que na mesma altura introduz, também, a Teletexto na sua emissão.

No outono de 2008 chega a Portugal a televisão digital, que passa a emissão regular na primavera de 2009, com os mesmos quatro canais nacionais.

Em abril de 2012, foram desligados todos os retransmissores analógicos de televisão e Portugal entra na era da televisão digital (como será desenvolvido no ponto 2.2.1).

2.2 A Evolução da Televisão em Portugal

A Televisão por cabo foi introduzida em Portugal em 1992 na Região Autónoma da Madeira.

Chega a Portugal continental em 1994 com o nome “TV Cabo”.

Em 1995, surge em Palmela e Setúbal a Cabovisão, tornando-se, mais tarde a terceira maior operadora de televisão por cabo em Portugal.

Em 2005, a televisão por Cabo iniciou a transição dos seus canais para a televisão digital. Com o aparecimento da televisão digital, a ANACOM (Autoridade Nacional de Comunicações em Portugal), obriga todos os operadores de televisão paga, a utilizarem esta tecnologia. Sem recursos para o investimento elevado exigível os pequenos operadores não veem renovadas as suas licenças para operar em Portugal.

Atualmente com um leque mais vasto de escolhas, ao nível de canais (a que muito veio contribuir os canais por cabo), a televisão pode também ela ser geradora de conflito, sobretudo se se ter em atenção que “a família não é uma unidade harmoniosa” (Coelho, 2005, p. 68) e que a simples escolha do canal e “o manuseamento do telecomando geram negociações que podem terminar em conflitos. Essa negociação-conflito surge entre o homem e a mulher (o homem tradicionalmente mais interessado em programas de desporto, sobretudo futebol, a mulher mais dedicada às telenovelas) mas surge também entre pais e filhos” (*idem*).

Estas situações permitem invocar determinadas matérias relativas ao visionamento de televisão, tais como, por exemplo as audiências, que têm diferentes características, mas também debater a gralha de programação que, no caso dos quatro canais (RTP1, 2, SIC e TVI) não por acaso, dedica horário específico para determinado público alvo, permitindo, desta forma, abranger diferentes gostos mas também diferentes públicos, como é o caso de programas dirigidos a jovens adolescentes que em dias de semana são guardados para o período de fim de aulas, no caso das telenovelas infanto-juvenis (como exemplo disso existe o caso da telenovela *I Love It* na TVI) ou, para os mais novos, os

desenhos animados antes do jantar, (na RTP2). Pedro Coelho (2005) explica, de forma simples, o porquê de assim ser, “o objectivo, nas televisões comerciais é sempre o mesmo: fazer com que um determinado produto conquiste maior audiência possível, porque quanto maior for a audiência maior será a receita publicitária” (Coelho, 2005, p. 69).

Porém, quando um canal se tenta salvar da asfixia financeira (como foi o caso do canal, TVI no ano 2000), e coloca como prioridades: audiência e receita, a salvação pode gerar um infindável número de críticas.

O *reality show Big Brother* (produto também testado em canais estrangeiros) foi, na altura uma alavanca financeira para a TVI que aproveitou essa fase (já em 2001) para emitir telenovelas portuguesas, que viriam a cativar o público. Aquele produto (*Big Brother*), rejeitado pela SIC, valeu à concorrente, TVI, a liderança no ano de 2001, inclusive ao nível de receitas publicitárias (Coelho, 2005, p. 73).

Em resposta a este cenário, e numa tentativa de recuperar audiências, a SIC responde com o, também, *reality show* “Acorrentados”. Estava, então literalmente, aberta uma descontrolada, selvagem e perversa guerra de audiências. O jornalista Pedro Coelho explica, “Perversa, porque os programadores garantiam estar a dar ao povo o que ele realmente queria (o que nem sequer era verdade no caso dos “Acorrentados”) (...); selvagem, porque as liberdades individuais dos concorrentes eram, constantemente, violadas; e descontrolada, porque deixara de haver limites” (Coelho, 2005, p. 89).

A questão que se impõe é: no meio de tudo isto, o que é feito da qualidade dos programas?

2.2.1 Do cabo para a Televisão Digital Terrestre (TDT)

Com os avanços da tecnologia, aos quais a televisão vai estando atenta, surge em 1998, a *Digital Television*, na Inglaterra. Portugal inicia alguns testes de televisão, nesta plataforma, por ocasião da Expo 98 de Lisboa.

A Televisão Digital Terrestre só chega a Portugal em outubro de 2008, ainda em emissão experimental, a partir do emissor de Palmela.

Até final do ano estas emissões estenderam-se ao emissor de Monsanto e retransmissores da Caparica, Estoril, Sintra e Malveira, mas com potências reduzidas e emitindo apenas em algumas direções restritas (por exemplo, as emissões provenientes de Monsanto, em Lisboa, chegavam apenas até à zona de Picoas).

Em janeiro de 2009, procedem-se a mais testes noutras zonas do país. A emissão regular inicia-se a 29 de abril desse ano. Curiosamente só em abril de 2008 foi anunciado que a TDT iria arrancar naquela data. Esta chegada tardia deveu-se, em parte, a duas tentativas falhadas de introdução da TDT em Portugal: a primeira em 2002, a segunda em 2003.

Contudo, com a introdução do digital, esperava-se o aparecimento de mais canais, como por exemplo: a RTP Informação e RTP Memória (que são canais públicos emitidos apenas no cabo), canais locais e regionais mas também chegou a existir a possibilidade de um quinto canal generalista e da inclusão do canal parlamento ARTV. Ambos foram recusados pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC).

Por fim, o ARTV foi integrado na TDT e passou a ter emissão regular em janeiro de 2013.

Resta dizer-se que, a rede analógica de televisão foi desligada na totalidade a 24 de abril de 2012. O apagão definitivo dos emissores e retransmissores analógicos ocorreu em três fases.

Como foi dito anteriormente, a televisão é um meio de comunicação de massas detentora de grande poder comunicacional e o meio de comunicação mais próximo do público uma vez que “toda a gente tem uma televisão em casa, até nos locais públicos ela existe” (Lima, 2011, p. 32).

Contudo aquele *mass media* (a televisão) tem vindo a sofrer alterações para além das que foram anteriormente referidas (do cabo para a TDT). Alterações essas que acontecem como resposta às inovações tecnológicas, nomeadamente com o desenvolvimento e crescente utilização da Internet que acaba por se tornar num “potencial concorrente” (Ferraz & Branco, s/d, p. 2) principalmente porque “um terço dos utilizadores da internet veem menos televisão” (*idem*).

O quinto capítulo do livro de Patricia Holland (2000) denomina-se “*The changing face of television*” e fala da convergência entre televisão, telecomunicações e a indústria do computador. Na opinião de Marshall McLuhan, que a autora transcreve, pode ler-se “*that it is nuclear whether we are watching old technologies overlap or witnessing the birth of completely new ones*” (Holland, 2000, p. 225).

Não abordando, de forma profunda, a questão sobre as novas tecnologias mudarem consciências ou na mudança de sentido sobre o que somos enquanto seres individuais e como acedemos ao mundo que nos rodeia (Holland, 2000) a verdade é que importa referir a revolução digital. A autora assumiu que “*digital technology contributes to all the new technologies (...), bringing revolutionary changes that simultaneously affect all aspects of television*” (Holland, 2000, p. 223).

E das novas tecnologias referiu-se a Microsoft que já nos fins de 1990 tinha os olhos postos no futuro na convergência das tecnologias das telecomunicações e computadores, assim como outras tecnologias, “*cable is becoming part of the digital revolution*” (*idem*). Mas não só, com o *broadcasting* a tecnologia digital pode comprimir informação o que faz necessitar de muito menos espaço “*on the spectrum, allowing potentially thousands of channels to be transmitted simultaneously*” (Holland, 2000, p. 224).

Mas as evoluções tecnológicas continuaram e com a ajuda de um decodificador a televisão digital pode ser recebida através de televisão terrestre, um cabo ou por um prato satélite e, como refere Patricia Holland (2000), isto quer dizer que a distribuição de programas teve uma mudança fundamental, principalmente porque, agora, o uso de televisão em casa “*is no longer a single activity. Its multiple channels are likely to be received on several television sets scattered around the house, and combined with vídeos, PCs and other digital services*” (*idem*).

No Brasil, as televisões acadêmicas têm espaço nos canais por cabo, ao contrário da realidade portuguesa onde, até ao momento, o único canal que emite programas realizados por produtoras académicas é a RTP2.

Curiosamente a criação da ESECTV foi, como referiu em entrevista à autora do presente trabalho o diretor da ESECTV, “inicialmente pretendia-se responder a solicitações de empresas e instituições e também contribuir para a constituição de um canal universitário no cabo” (Diretor da ESECTV em entrevista à autora).

A ESECTV viria a transformar-se num programa (com o mesmo nome) transmitido pelo canal RTP2 mas não só, a ESECTV também se rendeu ao mundo digital e também marca presença na Internet nomeadamente no YouTube, Vimeo, Twitter, na rede social Facebook mas não só. Desde 2007 que o programa partilha reportagens e informação no seu blogue no Blogger que, até à data, conta com mais de mil publicações.

Sobre esta questão, da participação da ESECTV na Internet, em entrevista o diretor, refere que essa participação não é de agora e que “desde o início [2003] que disponibilizamos o nosso trabalho na *web*. A partir de 2005 passámos também a usar o YouTube, que não existia até aí, bem como outras plataformas e redes sociais” que, afirma, foram sempre acompanhando.

Porém o diretor vai mais longe e diz ainda que, “modéstia à parte, antes mesmo da existência destas formas de partilha, a ESECTV conseguia ir mais longe do que a RTP2, através da *web*. No arquivo do nosso *site*, existem ainda vídeos produzidos em 2003, quando ainda não existia YouTube nem Facebook.”

Posto isto fica claro que, ao contrário do que se podia pensar, a existência da ESECTV na Internet não se trata de acompanhar tendências.

Porém, como já foi referido, em traços gerais, a presença dos conteúdos televisivos na Internet, foi uma resposta, por parte da própria televisão, à crescente evolução da tecnologia e utilização dos novos *media*, que normalmente ganha os primeiros adeptos em públicos jovens mas, “a televisão serve não só a criança e seus pai mas também a escola, professor e a sociedade em conjunto, sempre que consiga desenvolver a personalidade e alargar os horizontes de um garoto prestes a entrar na escola. A docência desta função responde sede de

conhecimento que tem a criança, ao seu amor pela fantasia e à sua curiosidade pela vida” (Sínteses Bibliográficas, 1977, p. 47).

E, curiosamente, outrora a educação serviu-se da televisão para promover a educação à distância e um exemplo disso é a Telescola, que será desenvolvido no ponto 3.3.

2.3 Abordagem à história da RTP

O aparecimento do fenómeno televisivo em Portugal data a meados do séc. XX, mais precisamente a dezembro de 1955, quando foi constituída a Rádio Televisão Portuguesa, a estação pública de televisão.

Foi, então, no final de 1955 surge “a escritura os estatutos da RTP, a entidade que assume, por decisão governamental, a concessão do serviço público de televisão, em exclusividade, embora com regras muito rígidas e definidas pelo executivo” (Coelho, 2005, p. 66). Salazar sempre foi muito resistente à introdução da televisão em Portugal e foi, na altura, o ministro da Presidência, Marcello Caetano, que venceu essa resistência e fez com que “o professor de Direito” centrasse “o seu ministério a tarefa de conceber o edifício legal que deveria enquadrar a RTP” (Cádima, 1996 *apud* Coelho, 2005).

Só 30 anos depois das primeiras emissões da BBC (note-se que o grande momento da história da Televisão dá-se em 1936 quando “a transmissão à distância de imagens em movimento assume um carácter sistemático e duradouro” (Coelho, 2005, p. 64) depois das primeiras experiências em finais dos anos 20, início dos anos 30 nos Estados Unidos da América e na Grã-Bretanha (*idem*).

Em Portugal as emissões regulares datam a março de 1957 e ainda nessa altura Salazar estava relutante com este meio de comunicação, ao contrário de Caetano que desde logo percebeu da força deste *medium* e afirmou-o, “Não imaginava que, anos depois, como chefe de governo, ela [referindo-se à

Radiotelevisão Portuguesa] me seria de tanta utilidade para o estabelecimento de uma corrente de comunicação entre mim e o povo português. Mas sabia, desde o início, que era um instrumento ideal para um governo se tornar popular” (Coelho, 2005, p. 66).

Salazar permanece distante deste novo meio de comunicação (a televisão), “ao contrário de Marcello Caetano que após ascender ao poder “coloca a televisão, literalmente, ao serviço do governo” (*idem*).

Já Marcello Caetano usava a televisão para tornar os “discursos uma acção burocrática de propaganda” (Cádima, 1996, p. 394) e por isso sabe-se que aquele percebia o poder e os efeitos da mensagem televisiva quando a televisão se torna um meio doméstico e familiar, uma vez que “promove o divertimento e fornece informação à família” (Coelho, 2005, p. 67), sendo que a forma como é recebida a mensagem é que dita “o verdadeiro papel da televisão na harmonia do lar” (*idem*). Desta forma o poder da televisão contribui para a aproximação e aumento de interação entre pais e filhos (Coelho, 2005).

As primeiras emissões experimentais da RTP foram para o ar quase um ano depois, em setembro de 1956, a partir da Feira Popular de Lisboa.

Só em março de 1957, se iniciaram as emissões regulares (Cádima, 1999, p. 31) abrangendo apenas a área metropolitana de Lisboa. A partir desta data a RTP foi crescendo, e ao fim desse ano o Porto já era abrangido. Pelo facto das emissões só se tornarem regulares em 1957, é natural que se leia que a televisão em Portugal tenha surgido nesse ano.

Já na década de 60, mais propriamente em dezembro de 1968, e com um novo canal, a RTP2 (ver mais no ponto 2.3.1), o interesse do público pela Televisão não constitui surpresa tanto pela introdução do estímulo de uma certa “concorrência”, desejável “não só ao nível da emissão dos dois canais mas, ainda, na produção de programas, de forma a considerar uma diversificação das fontes de expressão, com especial relevo nos serviços informativos.”⁵ Assim se atingia a filosofia de base que passaria a imperar sobre as duas emissões da RTP diga-se,

⁵ Ordem de Serviço nº 55, de 18.8.1978, em: <http://seed2.rtp.pt/50anos/>.

desde já, com grande aceitação dos espectadores que poderiam passar a abrir o leque das possibilidades de escolha que, até então, não existia. “A proposta começava a ser clara: Dentro das soluções tendentes à melhoria global da actividade televisiva, decidiu a Comissão Administrativa reformular os objectivos que cabem aos dois canais do Continente. Assim, haverá [já no mês de outubro] emissões complementares às horas de maior audiência, capazes de proporcionar ao público telespectador uma crescente programação de alternativa. A actividade dos 2 canais será pautada pela concorrência qualitativa, sempre estimulante na área da Informação. Isto porque a cobertura diversa do Continente pelos 2 canais – 82%, para o primeiro; 40%, para o segundo – desaconselha, por ora, a concorrência em certos temas e em tempos de antena” (*idem*).

Antes do ano 2004 a Radiodifusão Portuguesa (RDP)⁶ e a Radiotevisão Portuguesa (RTP) eram empresas públicas de rádio e televisão, respetivamente, independentes e distintas. Nesse mesmo ano foram reestruturadas e fundidas numa única empresa pública.

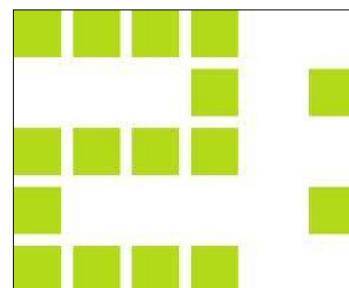


Fig. 3 - Logo da 2: no ano 2004. Fonte: Site RTP 2

Desde então a Rádio e Televisão de Portugal (já com a atual sigla RTP), passou a designar o grupo inteiro de Rádio e Televisão Públicas.

Ainda em 2004 surgem mais dois canais da RTP, a RTPN (canal noticioso da RTP) e a RTP Memória (dedicado a programas que fizeram história na RTP).

2004 foi também o ano em que a RTP2 dá lugar ao novo canal denominado 2: (como é possível ver-se na Figura 3).

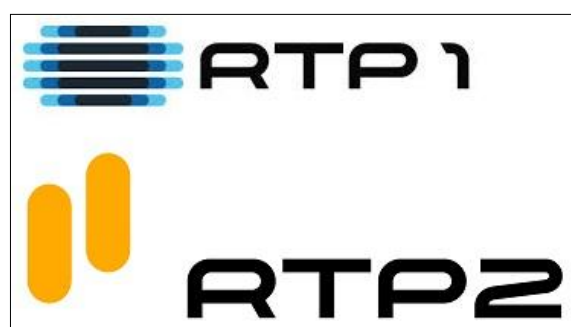


Fig. 4 - Atuais (2013) moscas da RTP1 e RTP2. Fonte: Site RTP

Contudo em 2007 a 2: retoma a designação original, RTP2 com nova

⁶ Normalmente designada por Emissora Nacional

identidade e já em 2011 a RTPN torna-se na, atual, RTP Informação.

Atualmente a RTP é constituída pelos seguintes canais de televisão: RTP1 e RTP2 (respetivamente representados através das “moscas”⁷ na Figura 4); RTP Madeira (canal generalista da Região Autónoma da Madeira) e RTP Açores (canal generalista da Região Autónoma dos Açores) ambas representadas na Figura 5.



Fig. 5 - Atuais (2013) moscas da RTP Madeira e RTP Açores. Fonte: Site RTP

A RTP tem, também, um canal dedicado às comunidades portuguesas fora de Portugal com a RTP Internacional e outro dedicado às comunidades africanas com a RTP África (ambas representadas, respetivamente, na Figura 6).



Fig. 6 - Atuais (2013) moscas da RTP Internacional e RTP África. Fonte: Site RTP

⁷ “Moscas” em contexto televisivo pretende identificar a imagem de determinado canal televisivo, normalmente posicionado no canto superior esquerdo do ecrã televisivo (nota da autora).

Por fim e como já foi referido anteriormente, a atual lista de canais da RTP só fica completa com a TRP Memória e, finalmente, com a RTP Informação (na Figura 7).

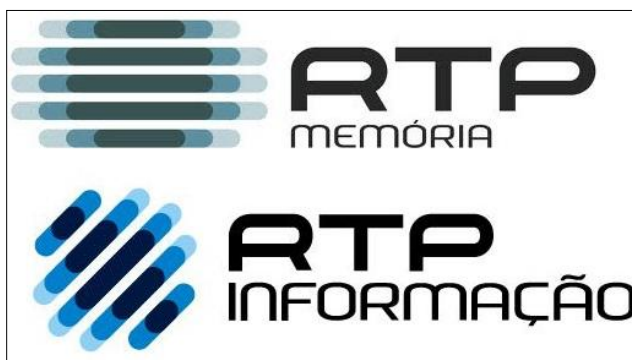


Fig. 7 - Atuais (2013) moscas da RTP Memória e RTP Informação. Fonte: Site RTP

Ao todo, em 2013 em Portugal, existem cinco canais a emitir em sinal aberto: a RTP1, a RTP2, a SIC, a TVI e a ARTV.

2.3.1 RTP 2 - Quem vê, quer ver

Voltando à estação do estado, criada a RTP 2, lutava-se para uma RTP forte e interessante sob a estratégia de se multiplicar e acreditava-se ser “possível fazer novo na velha casa da RTP. Tentar dar aos que passavam na rua – encontrando-se ou não – uma TV com outra imagem, mais apelativa e, acima de tudo, mais feliz. Para os que a faziam e para os que a viam (...) E naquele momento e naquela tarefa, que ninguém duvidasse: para Soares Louro era uma competição entre o 1º e o 2º para levar até às últimas consequências. Não era ele que costumava dizer “em Televisão não há um mas vários públicos?” (*site RTP*)⁸.

Não demorou muito até que ficasse definida a nova estrutura da RTP nas áreas da programação, produção e emissão, deixando nítida a separação entre elas.⁹

⁸ Site da RTP: <http://www.rtp.pt/web/historiartp/1960/telescola.htm>

⁹ Ordem de Serviço nº 58, de 31.8.1978. Aos diretores de Programação da RTP-1 e da RTP-2 foram atribuídas “responsabilidades pelo conteúdo das emissões dos seus canais, incluindo a Informação e nomeadamente a escolha dos programas a produzir dentro e fora da RTP; dos programas a comprar ou a ‘trocar’, em: <http://seed2.rtp.pt/50anos/>.

Já na década de 80 (precisamente em 1980) iniciam-se as emissões regulares a cores na RTP e as emissões regulares da RTP-Internacional iniciaram-se a 10 de junho de 1992 (Cádima, 1999, p. 32).



Fig. 8 - Mosca e slogan atual (2013) da RTP2. Fonte: Site RTP2

O segundo canal da RTP que o Governo decidiu dever ser pensado sob um novo conceito que, em síntese, se definiu como “uma abertura à participação activa da sociedade civil e possibilitando para os parceiros seleccionados a oportunidade de estabelecer uma via de comunicação directa com o público”, acabaria por ser implementado sob a designação de “a 2”, sendo este o sinal [mosca] sobre o ecrã – 2:. Foi então “para o ar”, pela primeira vez, a 5 de janeiro de 2004.¹⁰

Desta forma, a criação do segundo canal complementar do primeiro, vocaciona-se para servir “públicos potencialmente minoritários, e integrando programas de carácter educativo, nos domínios da Literatura, Ciência, da Música, do Teatro, da Ópera, do Bailado e das Artes Plásticas” (Sardo, 2007, p. 18).

A RTP 2 é um canal que uma programação variada com, informação com os programas tais como: “Agora”, “Ler +, Ler Melhor”, “Biosfera”, “Nós”, “Olhar o Mundo”, “Iniciativa” e mais; cultura e ciência com os programas “Nativos Digitais”, “Câmara Clara”, “Eureka!”, “Memórias de mim mesmo”, “Áfric@global”, entre outros.

Este canal também dedica espaço à música com os programas, “Super Diva – Ópera para todos”, “Bravo” e “aTensão JAZZ”. O desporto também não é esquecido na programação da RTP2 e passa “Desporto 2”, “Atletismo: Campeonato a Europa de Atletismo 2012” e ainda “Ténis: 20.º Estoril Open”.

Como foi anteriormente referido, os mais novos têm na grelha de programação desenho animados como o “Zig Zag” com “Jelly Jam”, “Tetris”, entre

¹⁰ Em: <http://seed2.rtp.pt/50anos/>.

outos mas não só, podem ver também, “República do saber”, “Adivinhas da ciência” e “Quem fala assim”.

Já o entretenimento fica a cargo de programas como, “Histórias para sempre”, “Bairro Alto” séries como “Anatomia de Grey” e “Os Contemporâneos” e ainda o programa “Janela Indiscreta” também considerado um programa informativo.

Para além destes programas categorizados no *síte* da RTP2, este canal dedica, ainda tempo de antena a programas institucionais tais como, “Parlamento”, “Sociedade Civil”, “Nós”, e “Iniciativa”, sendo que estes dois últimos são também considerados programas informativos. Esta breve enumeração de programas, embora incompleta, pretende revelar que a RTP 2 é um canal pensado para pessoas de todas as idades e com os mais diversos gostos.

Capítulo 3 – A união entre Televisão e Escola

3.1 A Televisão Educativa – uma perspetiva

Existem autores que defendem a ideia de “televisão educativa” e que a sua importância e utilização, no lar e na escola, irá crescer.

Esses autores fazem parte do Grupo de Estudos dos Meios Educativos (criado em 1960 nos EUA). Esse grupo, com representantes do comércio da indústria e da educação, detetaram que o número de emissoras que serviam às comunidades através de programas culturais, artísticos e de interesse público tinha aumentado e o ritmo de crescimento não revelou sinais de que fosse esmorecer.

Nessa altura, escolas e faculdades “demonstram que a televisão a serviço do ensino constitui parte integrante de seus planos para o futuro” (Schramm *et al*, 1970, p. 36).

Naquela época, autoridades educacionais acreditavam que, num período de dez anos, uma parte do ensino seria ministrado pela televisão à grande maioria dos alunos nas escolas do país e mais ainda, que a televisão fosse “empregada cada vez mais ao ensino direto, nas grandes faculdades e universidades. Espera-se, ainda, que a televisão coloque à disposição dos estudantes, em seus lares, quaisquer que sejam suas idades (...) desse modo, a instrução poderá facilmente tornar-se ao alcance de todos, e qualquer época de suas vidas” (Schramm *et al*, 1970, p. 36). Os autores acreditam que o aumento de horas de lazer, na nossa sociedade assim como a crescente complexidade de conhecimento que os cidadãos devem saber “acerca do mundo em que vivem indicam existir uma crescente necessidade dos serviços de televisão junto às comunidades” (*idem*).

Mas apesar de tudo isso, os autores afirmam que “os programas de alta qualidade são dispendiosos” (Schramm *et al*, 1970, p. 37).

Autores como Thomaz Neto defendem que esses programas captem novos públicos, “o actual público de televisão educativa inclui uma grande proporção de pessoas de alto nível cultural, membros das profissões literais, de ambos os sexos, bem como personalidades que influem na formação da opinião pública e na determinação do tom cultural das comunidades em que vivem. Esse grupo é muito poderoso. No entanto, na medida que aumentarem os recursos da televisão educativa, poderá ela atrair uma audiência maior. Deve ser possível, no decurso de algum tempo, oferecer pelo menos um certo estímulo cultural e intelectual a uma arcela muito elevada do público” (Schramm *et al*, 1970, p. 38).

Os autores defendem a opinião de que a capacidade cultural e intelectual do povo tem sido subestimada por parte dos meios de comunicação de massas, e por isso, “constitui um desafio à televisão educativa elevar a qualidade de redacção e produção de seus programas” (*idem*).

3.2 A Escola e a Televisão

Tudo indica que a palavra escola vem do grego “*scholé*”, que significa lugar do ócio. Na Grécia antiga, as pessoas que disponham de condições socioeconómicas e tempo livre, nela se reuniam para pensar e refletir. Hoje a escola procura educar e formar cidadãos mas mais do que isso, procura entreter.

Para Elson Mello (1998), a escola não tem aproveitado “a televisão, um meio de comunicação de massa omnipresente na vida de seus alunos. Parece que ainda não se percebeu que os usuários dos sistemas educativos são cada vez mais telespectadores” (Mello, 1998, p. 2).

A televisão é muitas vezes associada a entretenimento e informação, uma vez são os géneros televisivos com estas duas características que dominam a grelha de programação dos diferentes canais de televisão, sobretudo nos canais generalistas, devido à questão das receitas.

Pelo facto da produção televisiva ser uma atividade de alto risco financeiro (Coelho, 2005, p. 69), os programadores minimizam esse risco, “instituinto formulas já testadas” (*idem*). Assim, não é de admirar que determinados programas televisivos já utilizados em outros canais (mesmo que internacionais), como por exemplo, “*The X Factor*” do canal Fox, ganhe uma adaptação nos canais portugueses, neste caso específico no canal SIC com o programa “Factor X”.

Porém, em tempos, a televisão fazia parceria direta com a escola e apesar de, ainda hoje, existirem opiniões divergentes entre “os que acham que a Telescola foi apenas um complemento ao já diminuto ensino, e os que acham que surgiu como resposta para ampliar e melhorar o ensino”¹¹, certo é que a primeira união entre televisão e escola, em Portugal, data a outubro de 1965 com emissões regulares da Telescola pela RTP e mais do que entreter ou informar, a Telescola educava/ formava.

¹¹ Site RTP: <http://www.rtp.pt/web/historiartp/1960/telescola.htm>

3.3 Telescola

As emissões eram feitas a partir dos estúdios da RTP no Monte da Virgem em Vila Nova de Gaia e permitiam, assim, a presença de dois professores na mesma sala de aula, um na televisão e outro no estrado.

Note-se que nas emissões da Telescola os “professores da RTP” ensinavam diversas disciplinas entre elas: o Português, História, Francês, Ciências Naturais, Matemática, Desenho, Trabalhos Manuais mas também Religião e Moral, Educação Física e Canto Coral.

A Telescola marcou uma etapa muito importante para a RTP e para o programa de ensino em Portugal mas só foi possível devido a uma parceria entre a RTP e o Ministério da Educação Nacional. “No ano de 1963, o então Ministro da Educação Galvão Teles, sabendo que os audiovisuais tinham a capacidade de desenvolver e espalhar a cultura, anunciou a intenção do recurso sistemático ao televisor na área da educação” (Costa, 2010, p. 14).



Fig. 9 - Telescola em transmissão.

Fonte: Site RTP

Desta forma, a televisão associava-se facilmente à educação e, conseqüentemente, desempenhava um papel educativo apoiando os professores, em sala, nas mais diferentes matérias.

Segundo o presidente do Comissão de Televisão Escolar e Educativa, o Dr. António Carlos Leónidas “(...) um programa de TV é sempre um espectáculo, mas um programa de TV Educativa é, sobretudo, uma lição.” ¹²

¹² Site RTP: <http://www.rtp.pt/web/historiartp/1960/telescola.htm>

3.4 A importância da Televisão e do vídeo no ensino

Assim a televisão, e mais tarde também o vídeo, tiveram outrora uma enorme importância no ensino. Faziam parte do material escolar, ou melhor, era material indispensável para o docente leccionar as aulas. “Nessa altura nem se podia falar, porque aquilo era através da TV e era em directo. A gente tinha que ter o relógio bem certinho, era àquela hora que começava a emissão e não nos podíamos atrasar” (Santos, 2003, p. 7), como relata uma professora no trabalho de Ramiro Santos.

Mais tarde com a possibilidade de repetir o conteúdo em vídeo, o visionamento coletivo de um programa torna-se “uma excelente ajuda para expor o conteúdo a leccionar nesse dia ou para trabalhar activamente sobre documentos (...)” (Abrantes, 1992, p. 51).

E desta forma a professora que Ramiro Santos (2003) retrata no seu trabalho, já não tinha de ter o relógio “bem certinho” mas mais importante do que isso, “já não tem as salas a transbordar de alunos” e pode “escolher se quer dar primeiro Matemática ou Educação Musical” (Santos, 2003, p. 7) e ainda pode repetir a matéria “se achar que os meninos não a compreenderam” (*idem*).

Embora nos pareça que este método de ensino é antiquado (o Ensino Básico Mediatizado – BEM –, apelidado de Telescola que nasceu nos anos sessenta), é um erro pensar-se assim, uma vez que, como é confirmado na dissertação de mestrado de Ramiro Santos que nos remete para o ano 2003, rapidamente percebemos que nos meios rurais a Telescola, naquele ano, ainda existia (tal como refere o título do segundo ponto do trabalho deste autor) e teve destaque no jornal Público em junho de 2002.

A televisão em circuito fechado começou por ser uma “experiência originada na falta de professores especializados em certo número de matérias



Fig. 10 - Telescola em sala de aula.

Fonte: Site RTP

fundamentais, como ciências e matemáticas” (Sínteses Bibliográficas, 1977, p. 25), assim, procurava-se que a televisão fosse mais um recurso pedagógico disponível nas escolas para o esclarecimento escolar, auxiliando “todos os professores em exercício, quer sejam qualificados ou não, organizando verdadeiras equipas (...). Poder-se-á desse modo difundir em todas as classes dum mesmo nível de estabelecimento, no mesmo momento, o melhor curso possível” (*idem*).

A televisão tinha, então, duas ações. Um tratava-se de desempenhar um papel no ensino (primário, secundário ou superior), quer introduzindo a televisão na aula e nas atividades escolares, quer utilizando a televisão para formar, enquadrar e ainda atualizar as qualificações dos profissionais mas também, a segunda ação – fora do ensino normal- a televisão “tem um papel considerável na medida em que permite ir ao encontro dos isolados, quer no quadro duma acção geral de elevação do nível cultural, no quadro duma acção de informação geral de educação populacional, ou mais ainda, na linha duma acção de promoção social ou técnica” (Sínteses Bibliográficas, 1977, p. 26).

Estava então espelhado que se tratava de “abrir a todos o acesso ao conhecimento, sejam quais forem as condições sociais ou geográficas do indivíduo considerado” (*idem*).

E é aqui, uma vez referida a questão geográfica que se torna pertinente e interessante referir o caso concreto que Ramiro Santos, relatou (em 2003) sobre a existência da Telescola na aldeia da Água Travessa (a 30 km de Abrantes), uma região rural onde os pais dos alunos vivem da agricultura, trabalhando nos campos, outros na construção civil e onde as famílias têm “um nível sócio-económico baixo” e onde “a maioria dos alunos não quer continuar a estudar” (Santos, 2003, p. 7).

E por se tratar de uma forma de “ensino em massa” (Sínteses Bibliográficas, 1977, p. 27), existiam questões a ter em atenção pois tinha-se a noção de que “o ensino por televisão não pode ser um ensino muito especializado, na medida em que se dirige a massas consideráveis de indivíduos e em que é preciso em todos os casos encontrar num meio termo” (*idem*), procurava-se portanto que a televisão fosse “como um manual”, ser de fácil acesso a todos.

Posto isto, estavam, também encontrados alguns aspetos negativos neste instrumento de ensino, tais como a sua fugacidade e irreversibilidade (pelo menos antes da possibilidade de vídeo e cassete), mas também o facto da televisão não se adaptar ao ritmo de aquisição do indivíduo aprendente.

Assim sendo, “a televisão só por si não surge como instrumento satisfatório de comunicação total do saber” (Sínteses Bibliográficas, 1977, p. 27).

Uma vez que a televisão não podia assegurar todo o trabalho do ensino, o professor acompanhava a projeção das imagens e guiava o aluno no momento da visualização para que este se apercebesse da mensagem. No caso, por exemplo, das emissões de matemática, os professores que organizavam a receção dessas emissões eram informados antecipadamente sobre o conteúdo exato da emissão e dos exercícios de aplicação que deveriam fazer depois da emissão.

Neste caso, “nesta pedagogia nova da TV, urge distinguir muito nitidamente entre o que é apresentação das noções e o que é aplicação, isto é, exercício” (Sínteses Bibliográficas, 1977, p. 29).

3.5 Meio de demonstração e (in)formação escolar

“É a época da informação e da comunicação (...) e está a construir-se com o que está perto das escolas, mas também com o que delas está imensamente distante, logo, no dizer de Abraham Moles «à mão de semear», em resultado da aproximação do longínquo, feita pelos *media*. E pode aprender-se a semear na escola, sobretudo se se tratar de semear informação” (Abrantes, 1992, p. 16).

Um dos veículos que melhor ajuda a semear essa informação é a televisão uma vez que se trata de um instrumento eficaz para a divulgação da ciência, da cidadania, dos valores, da arte mas também da educação (Abrantes, 1992).

A televisão atinge públicos mais vastos “de forma mais sistemática, a menos custos no consumo quotidiano” (Abrantes, 1992, p. 47).

Compreende-se quando José Abrantes questiona sobre se este instrumento (a televisão) não será o veículo que leva cultura e ciência ao domicílio, cultura essa “materializada em imagens e sons” (Abrantes, 1992, p. 48).

Certamente nem todos os programas televisivos serão merecedores de tal conotação, até porque alguns deles, como referimos anteriormente, têm como prioridade assegurar o lucro sem olharem à qualidade do produto a ser transmitido. Exemplo disso foi, o já referido *reality show*, *Big Brother*. Este programa é sobretudo conteúdo para entreter o telespectador e é por esse motivo que programas que visam somente entreter o público ao invés de educar, ensinar e/ou “cultivar” os telespectadores têm, por norma, uma conotação negativa. Mas é então que as palavras de José Abrantes voltam a fazer sentido, “há programas «maus» na televisão? Será que só há «bons» livros?” (*idem*)

Será impossível não se concordar com a mesma ideia que o jornalista Pedro Coelho partilha aquando diz que a televisão altera o seu comportamento por pressão do público, o que leva a acreditar que, “a massa que diariamente consome televisão, está disposta a receber influências de públicos esclarecidos e, assumindo essas influências, romper com a passividade. É, afinal, para esse grande público que as televisões trabalham, e se os programadores não percebem que deverão elevar a fasquia da qualidade, então, que sejam os destinatários a abrir as portas desse percurso” (Coelho, 2005, p. 92).

Quando se refere a televisão como meio de informação, o autor António Moderno (1992), tem um perspectiva interessante e relevante no contributo que a televisão pode/ deve ter junto dos jovens estudantes no sentido de os orientar sobre o seu futuro de acordo com um conjunto de fatores a ter em atenção, “quantas vezes, após o 9º ou 12º ano de escolaridade, o estudante não sabe qual o tipo de curso a seguir, quais as possibilidades que tem o mundo do trabalho com este ou aquele curso, qual o que melhor se adapta às suas aptidões e quais as necessidades do país ou da região, e em que domínios” (Moderno, 1992, p. 63).

O autor sublinha esta importância referindo a recomendação da UNESCO que defende ser prioritário “desenvolver e institucionalizar os serviços de orientação escolar e profissional, em vista a assegurar uma larga informação do aluno, da

família e do público, sobre o sistema educativo e sobre as possibilidades que ele apresenta perante a vida e o emprego” (*idem*).

Outra perspectiva relevante, que o autor refere, diz respeito ao uso do televisor (note-se, o aparelho) como meio de demonstração par “transmitir a realidade ou simulações da realidade melhor do que faria o professor simplesmente, dirigindo-se verbalmente aos alunos” (Moderno, 1992, p. 62). O autor refere várias situações e disciplinas para as quais o televisor serve de suporte à matéria que o professor leciona referindo, “exemplos de filmes e registos de televisão para o ensino de Geografia, História, Bibliografia, etc.” (Moderno: 1992, p. 63).

Segundo o autor, estes suportes permitem trazer para qualquer aula uma enorme quantidade de materiais originais e fáceis de utilizar como é o caso de diversas imagens fixas ou animadas que não poderiam ser vistas de outro modo, tendo ainda, o benefício de poderem ser repetidas.

A conjugação de imagens irá permitir, sobretudo em ensino de crianças num primeiro estágio de vida, facilitar a aprendizagem através da memorização (Fernandes, 1969, p. 3). Tal como o autor refere um excerto da obra “Apontamentos para a educação de hum menino nobre” de Pina e Proença, “A livraria para os meninos e principiantes deve consistir mais em imagens sensíveis, e agradáveis à vista, que em livros próprios para o estudo (...)” (Fernandes, 1969, p. 4). E é, então que “sob o ponto de vista da memorização é atribuída à imagem o papel de coadjuvante” (Fernandes, 1969, p. 5).

Desta forma, as projeções explicadas pelo professor e interpretadas pelos alunos serão uma vantagem para o ensino, uma vez que estes “além de ver, pensam (...) sobre o que estão vendo” (Fernandes, 1969, p. 23).

Porém, é necessário cuidado para que os materiais usados como auxílio não entretenham de tal forma a que, os mesmos se tornem uma distração.

Jon Baggaley (s/d) desenvolveu um estudo que pretendia perceber que impacto teriam os efeitos visuais no telespectador de notícias. Para tal, foi adicionado um *background* com o tema de natureza bastante detalhado ao *pivot* que estava no estúdio. Essa experiência confirmou o poder que os efeitos visuais podem ter nas atitudes dos telespectadores e o autor afirmou, “*If decorative rather*

than informative, the insertion of keyed visual detail may serve to distract na audience's attention (...) (Baggaley, s/d, p. 27).

3.6 O que é a ESECTV que passa na RTP 2?

Desde 2005 a ESECTV (produtora da Escola Superior de Educação de Coimbra) realiza um programa semanal de trinta minutos, transmitido semanalmente (às quartas feiras) no Espaço Universidades da RTP2.

Faz desde então parte do grupo de entidades com os quais a RTP2 tem parceria. No *site* do mesmo pode ler-se: “De uma forma geral todas as entidades com existência jurídica podem estabelecer acordos de parceria com a RTP2. O objetivo destas parcerias é contribuir para um melhor conhecimento da realidade que nos rodeia, abordar questões de interesse social, colaborar para uma melhor circulação de ideias.

As parcerias são fundamentais para que exista uma efetiva ligação da sociedade com a estação. Procuramos estabelecer mecanismos de comunicação nos dois sentidos, garantindo que a RTP2 esteja atenta às preocupações dos mais diversos sectores sociais e que contribua para a sua divulgação. O objetivo desta ideia de abertura de um meio de comunicação massificado à sociedade civil é garantir o acesso do público a valores, temáticas e a personalidades sistematicamente afastadas dos meios de comunicação, mostrando a nossa disponibilidade para acompanhar novas realidades e expor outras faces do progresso. Procuramos uma oferta diferente, baseada na divulgação e na transmissão de conhecimento.”¹³

É também nas informações contidas no *site* da RTP¹⁴ que é possível ler-se sobre a missão, os objetivos e as obrigações do Serviço Público e onde no décimo quarto ponto do Contrato de Concessão do Serviço Público de Televisão lê-se: “Garantir a produção e transmissão de programas educativos e de entretenimento destinados ao público jovem e infantil, contribuindo para a sua

¹³ Em: <http://www.rtp.pt/tv/rtp2/>

¹⁴ Em: <http://www.rtp.pt/wportal/grupo/governodasociedade/missao.php> a 11/12/2012

formação”. Eis o ponto onde se enquadra o espaço à transmissão de programas académicos.

Quando aqui se refere programas académicos, pode primeiramente, aparentar ser uma conotação em torno de algo feito em termos experimentais e/ou pouco profissionais mas não é isso que se pretende, de todo.

Os programas de televisão universitários têm qualidade e não são apenas feitos por estudantes, como é o caso da ESECTV como pode ser lido no capítulo 4, no ponto 4.1 da presente dissertação.



Fig. 11 - Logo da ESECTV. Fonte: Blogue ESECTV

Além disso, numa altura em que se desconhece o futuro da estação de televisão pública, muitas são as questões que surgem em torno do serviço público e de uma possível morte (que não cabe ser discutido no presente trabalho), fica a opinião de que a RTP2 é um canal para “um nicho de audiências que tem também direito a ver na sua televisão os programas de eu gosta”. Esta citação é da professora Ana Cristina Gil que num artigo (disponível no Anexo 2) do jornal regional diário “Açoriano Oriental”, frisa a importância da RTP2 e da transmissão de programas como o da ESECTV, sublinhando a qualidade dos mesmos.

Também na festa organizada no Café Santa Cruz em Coimbra, a 20 de março a propósito dos dez anos de existência da ESECTV, oito dos quais com presença regular na RTP2, foi possível ouvir testemunhos que frisaram a importância do programa para a cidade de Coimbra mas também para a Escola Superior de Educação de Coimbra.

Será conveniente transcrever algumas opiniões:

“(...) é mais do que um projeto escolar tem sido aquela voz de Coimbra que chega um pouco por todo o lado. (...) Uma voz de uma Coimbra de cultura.” –

Presidente C.M de Coimbra, João Paulo Barbosa de Melo (Programa ESECTV, emissão 10 de abril).

Ainda a propósito do programa ser transmitido num canal generalista e assim, levar a quem vê um pouco da cultura que se realiza na cidade de Coimbra, o Presidente do Instituto Politécnico de Coimbra, Rui Antunes disse:

“É gratificante saber que há alguém que faz um esforço para que a cidade de Coimbra continue a aparecer na televisão e apareça pelos melhores motivos, por aquilo que se faz na cidade do ponto de vista de atividades culturais.” (Programa ESECTV, emissão 10 de abril)

As opiniões relevam com agrado a importância que o programa tem para a cidade de Coimbra e para a própria cultura mas há, ainda, outro testemunho que recorda a instituição de ensino onde a ESECTV está sediada e a importância que o mesmo programa tem para aquela instituição.

“É muito importante para a cidade, naturalmente, mas também para a própria escola, porque não nos podemos esquecer que a própria escola tem valências ao nível da formação e também das artes. Temos o departamento de artes e tecnologias com o curso de arte e design, com o curso de teatro, com o curso de música (...).” – Presidente da Escola Superior de Educação de Coimbra, Rui Mendes (Programa ESECTV, emissão 10 de abril)

3.7 Televisão Universitária

Não é fácil abordar-se este tema de investigação, sobretudo devido há escassez de informação sobre ele.

Porém, Flávia Martelli (s/d) pega nas palavras de Alzimar Ramalho para definir a televisão universitária e nelas pode ler-se que é uma emissora “ligada à universidade, (...) ou instituição do ensino superior (IES) e transmitida por canais de televisão abertos ou pagos, e/ou por meios convergentes – satélites, circuitos internos de vídeos, internet e outros” (Martelli, s/d, p. 6) e deve ter o intuito de

transformar o conhecimento armazenado na universidade em informação que seja compreensível por toda a população (*idem*).

Porém o conceito de Televisão Universitária, ainda, não é muito claro e a mesma autora refere isso quando diz que “(...) para muitos ela é responsável apenas pela produção de programas realizados por estudantes universitários” mas para outros “é uma televisão de programação voltada apenas para o público estudantil” (Martelli, s/d, p. 6). Há, ainda, vozes que ecoam que o objetivo das televisões universitárias é a “(...) promoção da educação, cultura e cidadania” (Magalhães, 2008 *apud* Accioly, 2010).

Já no conceito (de televisão universitária) pela Associação Brasileira de Televisão Universitária, está claro que essa televisão é produzida no âmbito das IES e que é feita com a participação de estudantes, professores e funcionários e deve ter uma programação “(...) diversificada, sem restrições ao entretenimento, salvo aquelas impostas pela qualidade estética e a boa ética” (Priolli, 2010 *apud* Martelli, s/d).

Martelli defende, no seu trabalho, que as televisões universitárias têm um grande potencial de produção de programas educativos e afirma ser importante compreender a evolução recente dessas televisões.

3.7.1 Uma abordagem à TV Universitária no Brasil

É importante sublinhar desde já que este capítulo não pretende fazer uma comparação com a televisão universitária em Portugal e no Brasil. Antes pelo contrário, a busca sobre esta realidade naquele país prendeu-se pelo facto da maioria dos documentos e informação obtidos sobre este tema (subentenda-se televisão universitária) ser de autores que tratam o conteúdo tendo como base e exemplo a televisão universitária brasileira. Como esses documentos se verificaram pertinentes para o presente trabalho, a investigadora, decidiu fazer uma referência à televisão universitária daquele país, bem como aquilo que diferentes autores sabem sobre ela.

Naturalmente que se poderão detetar e retirar algumas diferenças entre televisão universitária num país e no outro mas esse não é, de todo, o pretendido.

Leia-se este capítulo como um conjunto de informações úteis, não só para se saber um pouco mais sobre televisão universitária mas também para se conhecer a sua diferente conceção e divulgação.

No Brasil a televisão surge e desenvolve-se nas mãos de empresas privadas, embora “todas as concessões da TV aberta” (Caparelli, 1982 *apud* Martelli, s/d) sejam públicas e pertençam ao Estado.

A autora recupera a afirmação de Othon Jambeiro sobre as emissoras vinculadas a universidades continuarem a funcionar com “pouquíssimos recursos e vivendo uma longa, profunda e conceitual crise sobre [o] verdadeiro papel no ambiente da indústria televisiva nacional” (Martelli, s/d, p. 4). Mas apesar disso, com o aparecimento da “Lei do Cabo” em 1995, que obrigou as operadoras a criarem canais de utilização gratuita “para uso de interesse público, entre eles o canal universitário” (Magalhães, 2003). Desta forma as televisões universitárias triplicaram e segundo Alzimar Ramalho (2010) referiu na tese de doutoramento já em 2010, essas emissoras (de televisões universitárias) “representam 151 emissoras instaladas nos campi universitários” (Ramalho: 2010 *apud* Martelli, s/d).

Há opiniões, como por exemplo a de Flávio Porcello que em 2002 no trabalho “TV Universitária: limites e possibilidades” aponta o surgimento das televisões universitárias devido ao facto de existir uma “saturação dos modelos existentes, sejam eles comerciais ou educativos” (Porcello, 2002 *apud* Martelli, s/d). Contudo independentemente do motivo que levou ao surgimento daquelas televisões, a verdade é que o crescimento delas é visível através dos números de Ramalho que já em 2010 dava a saber que “entre 1995 e 2009, o número de TVs Universitárias passou de cerca de 20 para aproximadamente 150” (Ramalho, 2010 *apud* Martelli, s/d).

Ao contrário da realidade da Televisão Universitária em Portugal, no Brasil a maiorias das emissoras de televisão universitária têm espaço na televisão por cabo e por esse motivo, Flávia Martelli considera-as de acesso restrito. É também por essa razão que a autora defende que as produções de televisões

universitárias podem e devem ganhar um maior espectro para assim “propiciarem um maior acesso às informações por elas produzidas” (Martelli, s/d, p. 8).

Nas reflexões decorrentes da pesquisa de doutoramento de Denise Accioly (2010), baseada na TV Universitária do Rio Grande do Norte (TVU) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, é possível verificar-se a importância desta televisão como sendo um recurso para democratizar o acesso àquela universidade, sobretudo “quem está postulado conhecer e fazer uma carreira profissional” (Accioly, 2010, p. 2).

A autora afirma, ainda, que as televisões universitárias são “espaços de produção de conhecimento, de formação e de serviço à sociedade” (*idem*) sendo que, também é benéfico para aqueles que já fazem parte dessa cultura acadêmica uma vez que colaboram para a “disseminação do conhecimento científico (...) com informações relevantes sobre a universidade” (*idem*).

Outra das reflexões remete para uma das problemáticas observadas e apontadas pela autora e diz respeito à falta de interesse por parte dos cursos mas também por um “conjunto de docentes, estudantes, servidores e gestores” (Accioly, 2010, p. 3) embora seja reconhecido mérito à televisão universitária por cumprir “boa parte de sua missão, mostrando à sociedade muito do que a universidade produz em diferentes áreas do conhecimento” (*idem*). Este é também um ponto que baseia a importância de pesquisas sobre a TVU neste caso concreto, mas que pode e deve estender-se para outros casos, como o que este trabalho pretende retratar (o caso português da ESECTV).

Na revista USP, São Paulo, destacam-se as perspectivas e desafios (descritos pelo jornalista Paulo Ortiz), que a Televisão Universitária da Universidade de São Paulo afirmou alcançar, “aliando criatividade, grande esforço e dedicação profissional por parte de toda a equipa da TV funcionários e estagiários” (Ortiz, 2004, p. 138).

O Canal de Universitário de São Paulo é composto por nove universidades e todas elas dispõem de duas horas e meias diárias (sublinha-se, diárias) divididas em blocos de trinta minutos e uma hora de duração programados de forma independente.

Como foi referido anteriormente, esta televisão universitária tem espaço na televisão por cabo mas o progresso dessa televisão fez-se sobretudo do estreitamento de relações entre universidades e a criação de *workshops*, permitindo a produção de matérias especiais, documentários institucionais que permitiu exposições “em televisão aberta (TV Cultura)” (Ortiz, 2004, p. 138,139).

Segundo o mesmo autor, um dos projetos estratégicos de grande alcance e importância é a presença da televisão da USP no interior, uma vez que permite um aumento gradual da produção de televisão de “acordo com as realidades (...) locais” (Ortiz, 2004, p. 143).

Assim sendo, o projeto estratégico para além de se basear na consolidação da TV USP no campus da capital e a participação no Canal Universitário de São Paulo de outros canais universitários parceiros, outro ponto importante é a divulgação da produção e “a digitalização da programação para o acesso via Internet (Ortiz, 2004, p. 145). Esta estratégia permite acreditar que contribuirá “para que a produção académica e científica da Universidade, em seu valioso tripé ensino-pesquisa-extensão possa (...) chegar a um público cada vez maior, co-autor de mudanças sociais e culturais que a Universidade pode e deve propiciar” (*idem*).

3.7.2 O que se espera da TV Universitária

Nas reflexões de doutoramento de Denise Accioly é, ainda, possível perceber-se o que se espera que a televisão universitária ofereça: “a experimentação, a criação de formatos e de padrões e a oferta de uma alternativa de produção televisiva voltada para a cidadania e a democratização da informação e do conhecimento” (Accioly, 2010, p. 5) mas também do “apoio à educação e o incremento cultural nacional e local” (*idem*).

Denise não esquece de contrapor a função da universidade com o papel da televisão universitária. Enquanto outrora a universidade “tinha a função de formar uma elite mais educada, hoje, ela recebe novas demandas, como a formação de profissionais qualificados” (Accioly, 2010, p. 6) entre outros, mas é sobretudo

neste ponto que se enquadra o papel da televisão universitária citada por Accioly Denise, em que afirma que esta é “fundamental, seja na difusão de informações úteis tanto para alunos quanto aos professores, seja criando oportunidades educativas para ambos” (*idem*).

Ainda sobre o papel da televisão universitária é relevante referir a visão equivocada por parte do próprio meio universitário mas também nos *media* brasileiros e que é mencionada por Gabriel Priolli e dividida em duas visões. A primeira é a de que “o canal universitário é um espaço laboratorial, produzido por estudantes sob orientação de professores”, porém para o autor esta visão faz querer que esta seria uma televisão imatura e tecnicamente limitada, cuja ambição não transcenderia as fronteiras do processo formativo de estudantes de comunicação.

A segunda visão errada é sobre a natureza estritamente educativa, sendo que seria excluído qualquer tipo de entretenimento. Para o autor, isso empobreceria o significado de televisão universitária sendo que esta televisão pode atingir outros públicos e que o entretenimento não deve ser excluído da programação porque, primeiro faz parte da natureza da televisão e porque essa é também uma forma do meio académico se expressar através do teatro, música e desporto académico (Accioly, 2010, p. 8).

Desta forma compreende-se quando Cláudio Magalhães define como um dos principais objetivos da televisão universitária levar a cultura, educação e cidadania para o maior número de pessoas, não apenas para a comunidade académica.

3.7.3 Para que públicos?

No livro do jornalista Pedro Coelho (2005) é possível descortinar as diferenças dos dois conceitos “massa” e “públicos” que se torna imprescindível ter em atenção, para uma correta compreensão da mensagem transmitida mas também porque de facto são dois conceitos que não devem ser entendidos como sinónimos.

Desta forma, entenda-se “massa” como um conceito que não depende de critérios quantitativos – o número de indivíduos que integram essas aglomerações-, a caracterização da massa depende, sobretudo, de critérios qualitativos, ou seja, do estado de espírito que resulta da fragilidade que regula as relações sociais entre esses conjuntos de indivíduos desenraizados: “a massa caracteriza um estado mental e psicológico, assim como um tipo particular de comportamento e de disposições para a acção” (Esteves, 1998 *apud* Coelho, 2005).

Mais ainda é uma “aglomeração de indivíduos anónimos, profundamente apáticos e submissos, representa a desproporção entre o número dos que emitem uma opinião formada e aqueles que a recebem” (Coelho, 2005, p. 42). A massa é mais facilmente influenciável que os públicos.

Por sua vez, “públicos” deve ser compreendido como uma “realidade social que se formava para prosseguir um determinado fim, alcançado, sempre pela discussão racional e pelo exercício de uma prática argumentativa comum a todos os membros do grupo” onde existia “harmonia de interesses” (*idem*) e onde todos são “emissores e receptores de opiniões” (Coelho, 2005, p. 43).

Feita esta distinção torna-se pertinente encaminhar o tema para a questão da televisão. É então imperativo referir que “é na sociedade contemporânea, marcada pelo crescimento das cidades, pelo surgimento dos conflitos entre diferentes nacionalidades provindas das migrações e pelo consumo desenfreado, que especialmente a televisão tem o seu *boom*, surgindo como espaço público” mediatizado (Martelli, s/d, p. 2).

No que respeita ao estudo de caso aqui estudado, a investigadora pretendeu saber para que público se dirigem os conteúdos do programa ESECTV e o diretor do programa é sucinto e claro sobre esta questão ao afirmar que, “não definimos à partida um público. Definimos os assuntos em torno dos quais nos movemos: Cultura e Educação” (diretor da ESECTV em entrevista à investigadora do presente trabalho).

É com esta opinião que importa partir para uma reflexão sobre, para que público é dirigida uma televisão universitária?

Essa questão surge ao longo de toda a pesquisa, sobre a televisão universitária, mas as respostas não são unânimes.

Ainda no estudo realizado por Flávia Martelli pode ler-se sobre este ponto que, uma televisão universitária deve ser uma televisão voltada para todo o público interessado em cultura, informação e vida universitária, dando prioridade ao público acadêmico mas também não esquece os familiares, gestores públicos de educação, entre outros, e considera-se que a televisão universitária é a “representação da universidade, a expressão audiovisual de sua comunidade, de suas atividades e de seus projetos” (Accioly, 2010, p. 5).

Também no trabalho dedicado ao Canal Universitário de São Paulo, apresentado no Núcleo de Comunicação Audiovisual, no XXVI Congresso Anual da Ciência da Comunicação em 2003 tenta-se identificar o público partindo de três hipóteses, a primeira parte sob a perspectiva dos diretores das Instituições de Ensino Superior e das televisões universitárias, assumindo por isso que o público é a própria comunidade universitária (onde se incluem os alunos, pesquisadores mas também os professores); a segunda, invoca o fato desta emissão universitária também ser transmitida através da TV por cabo “a cabo NET (canal 7) e TVA (canal 71)” (Ortiz, 2004, p. 138) como afirma Pedro Ortiz na revista USP e, por isso, inclui todos os assinantes como público possível. Por fim, a terceira hipótese é também uma afirmação sobre a incerteza do público a ser atingido pelas televisões universitárias (Lima, 2003).

3.8 Saber fazer, fazendo

Com a aceitação de colaboração de alunos, por parte da equipa da ESECTV, aqueles têm a possibilidade de passar da teoria à prática, dentro da própria instituição onde aprendem a teoria permitindo-lhes, assim, saber fazer, fazendo.

O décimo quinto capítulo do livro de Patricia Holland (2000) intitula-se, “*Education, training and getting into the industry*” e levanta uma questão pertinente: “*who needs media studies?*” E é interessante ler-se que, depois de 1970 as indústrias de filme e televisão pareciam ser impenetráveis por pessoas

fora dessas áreas, *“the old style of recruiting was through contacts: technicians’ jobs often ran in families, and it was almost always a question of who you knew”* (Holland, 2000 p. 197).

No mesmo capítulo a autora refere que, em Inglaterra a BBC, foi durante muitos anos a única a garantir formação para a categoria de realizadores ou técnicos de programas. A formação era completa sob uma aprendizagem no contexto de trabalho/ emprego. Assim, *“new entrants began as runners or tea makers and were expected to learn through observation and by picking up the crumbs of information dropped by the experts. Sometimes they worked their way up the ladder with no formal instruction at all”* (Holland, 2000, p. 197).

Esta é, naturalmente, uma forma de aprender contudo, veremos que no caso de estudo utilizado neste trabalho, a aprendizagem não é adquirida desta forma, embora esta pudesse ser uma opção.

No decorrer do capítulo retoma-se uma questão anteriormente abordada, pela autora, no primeiro capítulo no ponto que refere *“Television training and tele-literacy”* e ao qual este trabalho dá ênfase devido ao enfoque que se pretende fazer.

Com o surgimento dos politécnicos nos anos 90 (Holland, 2000) os cursos tornam-se práticos e apontam para a produção criativa do vídeo e do filme. Criadas e separadas as disciplinas *“media studies and cultural studies”* inicia-se *“an acrimonious debate over the relative merits of ‘education’, which encourages a critical stance, and ‘training’, which simply prepares students for employment, and how the two counterbalance each other”* (Holland, 2000, p. 198).

Contudo a autora afirma que com a expansão da formação superior há mais licenciados, falando concretamente na indústria televisiva, mas que *“media studies has not always been looked on with favour”*, dando o exemplo do que Gill Monk (do canal quatro britânico) disse, *“we want discipline and intelligenct. You are as likely to get a job with a science degree as with one in media studies”* (Ward: 1996 *apud* Holland: 2000).

E enquanto os cursos introduziam mais trabalho prático a indústria televisiva permanecia séptica. E é então que a leitura culmina num ponto importantíssimo,

primeiro dizia-se que os colégios mantinham maior interesse pela teoria e recebiam críticas por esse motivo; segundo, a maioria dos colégios não eram capazes de empreender o treino necessário e por fim (ainda atual), “*the hoped-for jobs simply do not exist*” (Holland, 2000, p. 198) e a completar ou explicar esta afirmação a autora escreve que, por vezes parece que as tendências puxam para diferentes direções e que a educação e a televisão se estão a minar uma à outra (*idem*). Porém, a autora acaba por reconhecer que “*media studies courses are now frequently headed by television professionals, and many practitioners move back and forth between teaching and their television careers*” e isso acaba por diminuir a fenda “*between practical ‘training’ and critical ‘education’*” (Holland, 2000, p.199).

Retomando a questão para o caso de estudo aqui desenvolvido, em entrevista ao diretor da ESECTV, professor Francisco Amaral, rapidamente se percebe que embora exista uma equipa base (também essa formada na ESEC) a participação dos alunos é bem vinda uma vez que diz, “só com os alunos podemos chegar a um maior número de eventos e também absorver ideias novas” (Professor Francisco Amaral em entrevista à autora).

Para além disso, a importância da participação dos alunos acresce uma vez que estes, segundo a opinião do diretor da ESECTV, “têm a possibilidade, através desta, de praticarem efetivamente na construção de um produto que terá o juízo do público e não se fica pelos trabalhos meramente académicos.” (Professor Francisco Amaral em entrevista à autora).

Através desta resposta, percebe-se que na concretização daquele programa de televisão, embora também feito por estudantes e com estúdio no centro de uma escola superior, o trabalho é feito com responsabilidade e, sempre, conscientes de que o produto final terá a apreciação do público. Naturalmente é também a imagem da instituição de educação onde a ESECTV se insere que passa, a cada programa emitido. E nesse sentido, não foi certamente, por acaso que em julho de 2012, no dia do Instituto Politécnico de Coimbra a equipa da ESECTV, recebeu um prémio de mérito (Anexo 3).

Na opinião do diretor do Jornal New York Herald, “o único lugar onde alguém pode aprender jornalismo é (n)a redacção de um jornal” (Rizzini, 1953 *apud* Azambuja, 2008).

Já na opinião de Joseph Pulitzer como a autora refere, “ícone no jornalismo mundial”, um jornal não podia ser escrito por pessoas inexperientes e sem formação superior em jornalismo.

Já naquela época, Pulitzer referia “o equilíbrio entre a teoria e a prática” (Azambuja, 2008, p. 69). Transportando este princípio para a área de televisão, poder-se-á afirmar que a melhor forma para se aprender a fazer televisão é começando, ainda que inexperiente, a trabalhar em equipa, dentro de uma produção televisiva para aumentar as capacidades e melhorar a formação enquanto elemento do processo necessário para a criação de um programa televisivo, independentemente da função (produção, jornalismo, operação de câmara, assistente de realização, entre muitas outras).

Sobre este ponto, será crucial cruzar as opiniões recolhidas, em entrevista, aos alunos que colaboram com a ESECTV.

Essas opiniões são de quem vive a situação acima descrita e permitiu à investigadora uma mais fiel aproximação da realidade, até porque “... para recriar sentido é preciso interagir, escutar, falar, ouvir, escrever, exprimir-se, dizer a sua opinião ou, também, sintetizar a opinião dos outros” (Abrantes, 1992, p. 37).

A autora do presente trabalho, sentiu necessidade de, também ela integrar a equipa e viver as rotinas desta. Notou que não seria suficiente observar sem colaborar ativamente e por isso, integrou a equipa da ESECTV durante o período de 5 de novembro até 21 de fevereiro de 2012. Tal como José Abrantes afirma, “para chegar a níveis de consciência sobre o meio próximo e sobre o longínquo, é preciso contar que essa consciência também é resultante do trabalho sobre informação realizado na escola” (*idem*).

Assim sendo, saídas em reportagem, pesquisa, elaboração de entrevistas e apoio durante as gravações dos *pivots*, fizeram parte da rotina da investigadora aquando a sua colaboração na ESECTV.

A situação não foi totalmente estranha para a investigadora, uma vez que em 2010, durante o estágio académico na Televisão Independente (TVI) cumpriu essas, entre outras, tarefas.

Embora o meio seja o mesmo (televisão) o ritmo e a forma de realizar e conceber essas mesmas tarefas foram diferentes. A investigadora optou por ter uma postura de aprendiz, no sentido de estar totalmente apta e disponível para aprender como fazer, fazendo.

Note-se que, no período em que a investigadora colaborou, não se encontravam em estágio os estudantes que foram entrevistados para este trabalho. Desta forma, os estagiários não faziam ideia de que também a investigadora já tinha realizado algumas atividades que aqueles agora cumpriam e já conhecia aquela realidade e contexto de trabalho. Naturalmente que as entrevistas não pretendiam ser indutivas e como tal, a imparcialidade foi predominante até nas questões colocadas. A investigadora quis dar a entender que desconhecia o contexto e todo o processo de trabalho da ESECTV.

Grande parte dos estagiários afirmou, em entrevista à investigadora, que durante o período em que estão na ESECTV, já aprofundaram o que aprenderam na prática. É também interessante referir que parte desses entrevistados confessou, ainda, que já aprenderam mais do que em aulas, nomeadamente a desempenhar funções com as quais nunca tinham tido contacto.

Este é um ponto de extrema relevância para o trabalho, onde se destaca a prática como forma de aprender e interiorizar métodos, rotinas e realidades no mundo do trabalho em audiovisual neste caso particular em televisão.

É ainda no livro de Patricia Holland (2000), que se encontram vários testemunhos de estudantes na área de televisão, escritores, realizadores e também produtores que nos dão as suas opiniões ou “simplesmente”, partilham as suas ideias e, sobretudo os estudantes, a diferente forma como depois de experienciarem determinada situação, olham para o panorama profissional.

O treino e a qualificação apresentam-se lado a lado e percebe-se a importância que a autora quer dar ao “saber fazer, fazendo” através de testemunhos de alunos. Antes desses testemunhos a autora apresenta duas

organizações importantes para o desenvolvimento de diferentes capacidades preparando os alunos para a indústria televisiva. A *skillset* “is a key organisation in skills forecasting and the identification of training needs. It has undertaken valuable research into work trends that indicate what the needs are for training and retraining (...) it promotes training initiatives and, most importantly, it develops codified skills and standards for the various grades within the industry” (Holland, 200, p. 200).

Em parceria com as escolas superiores é, como refere a autora, um complemento aos cursos académicos.

Uma das organizações que abre a porta a estudantes (referida pela autora) é a *Film and Television Freelance Training*, conhecida como ft2 “training that covers technical grades, including assistant camera, sound, editing, art technical grades, including assistant, grips and make-up” (*idem*). Nos cursos da ft2, os estudantes têm um salário mínimo e sabem que oitenta por cento da formação de dois anos é muito compensada (em termos monetários) em várias produtoras, porém os estudantes têm noção de que o caminho não é fácil, “I should have drive, personality and ability to learn new skills and get on with everyone in a situation which can be stressful and tiring” (Holland, 200, p. 200) mas mais ainda, os alunos têm noção de que “production attachments usually involve very long days, usually six days a week” (*idem*) mas esse facto não os desmotiva, antes pelo contrário dá-lhes motivação para continuar e certeza de que “only by doing the time that you will become a competente and professional technical assistant who will work in the industry” (Holland, 2000, p. 200).

O testemunho de Susan Williams, uma estudante da ft2 que se formou em 1995 merece atenção. Aprendeu fotografia, filme, vídeo, animação e até a pesquisar para produção. Achou tudo o que aprendeu útil mas “it was television I was interested in” (Holland, 2000, p. 201).

O seu testemunho torna-se também uma mensagem importante para os estudantes que iniciam uma colaboração ou até um estágio numa estação televisiva, “if you think you’ll go into the big world and continue the sort of thing you’ve been doing at college, then you’re wrong. Students leave thinking ‘I’m going to be a director’, No! You’re going to be a production runner!” (*idem*).

E quando Susan foi questionada sobre se queria ser realizadora, a resposta foi: *“never. I want to work in television and learn a skill”* (Holland: 202). Susan, numa semana, apercebeu-se que não devia ter saído da faculdade sem experiência profissional e disse: *“I could tell you how to set up a short, how to light it, but I couldn’t do it”* (Holland, 2000, p. 202).

O relato que aqui acaba de ser feito espelha o espírito com que os estagiários da ESECTV encaram o desafio. Pelas entrevistas a investigadora percebeu que também eles sabem o que querem e partilham da opinião de que se deve fazer um pouco de tudo e aproveitar o bom ambiente que existe entre o pessoal efetivo da ESECTV e os estagiários.

É importante ter em conta que *“skills can be learned by a process of trial and error and, indeed, this must always be involved in skill learning to a greater or less extent”* (Powell, 1973, p. 65).

Mas quando uma capacidade é aprendida, *“(...) the performer needs to be master, not only when its performance is unimpeded but also when variations or even crises occur”* (*idem*). É necessário treinar as capacidades aprendidas e nesse sentido é fulcral fazer para aprender.

PARTE II – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

A presente dissertação pretende desenvolver uma pesquisa exploratória, tendo como orientação estratégias do estudo de caso e, de modo a obter dados que possam ser, não só, qualitativamente analisados, mas também, qualificados utilizando o método de entrevista com guião semiaberto, método descritivo e o método de constelação de atributos, na recolha e análise de dados.

A importância deste modelo está na possibilidade que o mesmo permite em se averiguar a perceção dos indivíduos em relação ao espaço que habita.

Por outro lado, a importância do método constelação de atributos idealizada por Abraham Moles em 1968 (e trabalhado por diversos pesquisadores no Instituto de Psicologia Social de Estrasburgo, entre eles Jézabelle Ekambi

Schmidt), relaciona-se com o facto de aquele permitir a organização dos dados graficamente e apresentar o posicionamento da amostra face ao objeto de estudo. Trata-se de uma técnica experimental de análise das associações espontâneas de ideias, onde se interroga uma população cujas características se conhecem e depois se agrupam os qualificativos referentes ao aspeto eleito (Schmidt, 1974).

A forma de organização dos dados (ver Anexo 4), permite avaliar o comportamento dos atributos em relação ao objeto avaliado. O grau de aproximação e/ou afastamento das variáveis indica que as mais próximas do centro da figura, onde se encontra o objeto estudado, exercem uma relação mais direta de perceção e adaptação do objeto em estudo. Por outro lado, quando se encontram mais afastadas indicam o objeto observado com menos importância no que se refere à relação sujeito–objeto de estudo.

Por sua vez a utilização do método descritivo (ou etnográfico) foi importante para o estudo de forma a viabilizar o mesmo. Este método foi utilizado mediante as informações recolhidas do programa ESECTV, através do contato direto com a equipa executiva da produtora com o mesmo nome, na participação na produção do programa e da visualização do mesmo.

Segundo Spardley (1979) citado por Lima (2011), “a etnografia deve ser entendida como a descrição de uma cultura, que pode ser a de um pequeno grupo tribal, numa terra exótica, ou a de uma turma de uma escola dos subúrbios, sendo a tarefa do investigador etnográfico compreender a maneira de viver do ponto de vista dos nativos da cultura em estudo”.

Capítulo 4 – Apresentação do Estudo de Caso

4.1 Contextualização do estudo de caso: Apresentação da ESECTV

A produção desenvolvida pela ESECTV (Televisão Universitária da Escola Superior de Educação de Coimbra) é transformada num programa cultural regional, semanal de meia hora emitida, às quartas feiras, pela RTP 2, por volta da uma da manhã.

A origem desta “pequena produtora de audiovisuais que, em contexto escolar, desenvolve produtos profissionalizados” (definição do diretor da ESECTV, em entrevista à investigadora da presente dissertação), é constituída por, uma produtora (também ela realizadora do programa), um operador de câmara e dois editores de imagem (que também exercem operação de câmara e jornalismo).

Note que os elementos desta equipa são permanentes na ESECTV, ou seja, são profissionais que se dedicam inteiramente a essas tarefas. Curiosamente, também estes elementos foram, outrora, alunos da Escola Superior de Educação de Coimbra.

Contudo para além destes elementos, a ESECTV conta também com a participação de estagiários de forma “rotativa”, sendo que estes são alunos da própria instituição (Escola Superior de Educação de Coimbra) mas também da Escola Superior Miguel Torga, onde o diretor da ESECTV exerce funções de professor.

É, ainda, relevante realçar que para além da participação de alunos aquando o estágio, também são recebidos em modo colaborativo alunos da ESEC como é, normalmente, o caso dos *pivots* do programa. Os alunos interessados nessa função são sujeitos a um *casting* e são posteriormente selecionados.

Desta forma, os *pivots* desempenham essa tarefa embora não estejam em período de estágio. As grandes diferenças entre os alunos selecionados para *pivots* e os alunos estagiários são essencialmente duas, primeiro os alunos que pretendem colaborar com a ESECTV como *pivots* não passam pelo processo de avaliação após terminarem a colaboração e, segundo, não têm de ir todos os dias para a redação e/ou estúdio da ESECTV, como é obrigatório no caso dos estagiários.

Francisco Amaral sublinha o quão importante é, para a ESECTV, a participação de alunos uma vez que só assim conseguem “chegar a um maior número de eventos e também absorver ideias novas”, mas não só. O professor e diretor da ESECTV afirma, ainda, que também para os próprios alunos a colaboração é uma opção que de ser reconhecida como positiva, no decorrer da formação, uma vez que através da ESECTV os alunos têm a possibilidade de “praticarem efetivamente na construção de um produto que terá o juízo do público

e não se fica pelos trabalhos meramente académicos” (Francisco Amaral em entrevista à autora).

Essa participação acaba, de certa forma, por (como referiu o diretor da ESECTV) “obrigar todos os estudantes que colaboram a defrontar a realidade profissional, expondo ao público o seu trabalho, e não se ficar pela simulação” que vai de encontro ao principal objetivo da criação da ESECTV.

Toda a equipa idealiza, produz e realiza o programa da ESECTV onde pode ver-se conteúdos culturais de eventos a decorrer (ou ainda por acontecer) em Coimbra mas também eventos realizados na, ou pela, ESEC, normalmente dirigidos para os alunos desta instituição de ensino.

A autora Patricia Holland (2000) não deixa de referir que trabalhar em televisão envolve pessoas e empregos, pessoas essas com *backgrounds* tão diferentes quanto os seus empregos e que por isso “(...) *require different types of training, have different professional and technical skills, use different jargons, and are accustomed to different working environments*” (Holland, 2000, p. 33).

É por este motivo que a ESECTV aceita não apenas alunos de comunicação social para participarem de modo ativo em toda a estrutura do programa como também, por exemplo, os alunos do curso de língua gestual portuguesa (Figura 12) que são um apoio importante e fundamental para o programa, ou até de comunicação multimédia que podem, entre outras tarefas, desenvolver um novo grafismo.



Fig. 12 - ESECTV em Língua Gestual Portuguesa por Rafaela Silva. Fonte: Facebook ESECTV

A equipa da ESECTV também aceita a contribuição de alunos de música que podem proceder à criação original de sons necessários para o programa, como por exemplo, na abertura e fecho do mesmo.

Isto revela-nos a importância do capítulo anterior (nomeadamente no ponto 3.8) sobre a possibilidade dos alunos colocarem em prática o que aprenderam na teoria e o benefício que isso pode ter aquando deparados uma situação “real” de trabalho e/ou emprego no mercado de trabalho propriamente dito.

Importa referir que a ESECTV sempre que necessário sai “para o terreno” em reportagem mas por vezes são os próprios entrevistados que vão até aos estúdios da ESECTV para aí serem, então entrevistados ou, em caso de músicos, poderem tocar as suas músicas em exclusivo para as câmeras da ESECTV. Desta forma, há que preparar/ alterar o próprio estúdio de acordo com as diferentes necessidades dos músicos, como retrata a Figura 13.

Em termos de localização, é conveniente referir que, o facto da produtora ESECTV se situar dentro da própria ESEC, acabou por ser, para grande parte dos estagiários um ponto a favor quando estes tiveram de seleccionar um local para realizarem o estágio académico que é exigido no terceiro (e último ano) dos cursos, daquela instituição. Mas voltando ao conteúdo ali desenvolvido, uma vez que se trata de um programa cultural regional, torna-se incontornável fazer uma breve abordagem sobre os géneros televisivos, que pode ser lido no ponto seguinte.



Fig. 13 - Gobi Bear nos estúdios da ESECTV.

Fotografia de Catarina Santos

4.1.1 Programa ESECTV é *Magazine*

Sobre os géneros que importam para este estudo - os géneros televisivos - Marshall & Werndly (2002) aprovam um vasto leque de categorias considerando

as seguintes como principais: “*drama, comedy, light entertainment, arts, documentar, new and current affairs*” (Marshall & Werndly, 2002, p. 44).

O drama é dividido em sub géneros tais como: “*classic, single play or literary drama*” que corresponde às novelas portuguesas, “*detective and police drama*” que não é muito produzido em Portugal à exceção de um ou outro programa que dedica algum tempo a questões/situações de criminalidade e justiça e por último o subgénero “*domestic drama and soap opera*” que pela descrição feita dos autores pode corresponder aos programas da manhã e da tarde dos canais generalistas portugueses. Este sub género é, então, descrito como “*domestic dramas centre on the home, the community, the workplace and, in particular, are concerned with interpersonal relationships such as those between lovers, family members or groups of friends*” (Mashall & Werndly, 2002, p. 45).

O género comédia é em tudo semelhante ao português e é caracterizado pelos autores como “*(...) is a braad generic category that includes compèred stand-up, ‘live’ comedy shows, sketch format shows that feature a series of short comic situations and scenes (...)*” (*idem*).

Sobre o género designado de “*light entertainment*” é referido como sendo a categoria que inclui jogos e “*quiz shows*” e ainda “*(...) variety shows featuring a mixture of chat, singers, comedians and speciality arts, and also chat shows (...) in which a host talks to, and plays games with, celebrity guest*” (Mashall & Werndly, 2002, p. 45).

Já “*Arts programming*” parece ser o género onde se poderá incluir o programa ESECTV uma vez que, na descrição feita pelos autores do livro, pode ler-se “*(...) has tended to mean, by contrast, heavy or seriously-toned broadcasts, such as classical music concerts, theatre productions, ballets and operas*” (Marshall & Werndly, 2002, p. 45).

Restando o género “*documentaries*” que é literal e integralmente a mesma coisa que documentários em português. Os documentários são factuais e descrevem-nos como “*(...) films researched and produced to be informative about particular subjects, people or situations*” (*idem*), sendo a restante descrição o mote que serve como distinção e, como tal, afastamento do programa produzido

pela ESECTV. Ao ler-se, “*news bulletins consist of a series of segments which give factual summaries of daily national and international events; they may cover items of Parliament, foreign conflicts, natural disasters or personal stories about well-know people. Current-affairs programmes often have similar potential and social content to news bulletins (...)*” (*idem*).

Os programas culturais são também indicados como *magazines* culturais e por isso importa apresentar uma definição de magazine, uma vez que, o estudo de caso abordado neste trabalho enquadra-se no formato *magazine* cultural regional.

Os autores Marshall e Werndly (2002) enquadram o formato *magazine* em “new generic forms” afirmando que “*new generic forms also develop as an acknowledgement of changing and narrowing audience categories, for example ‘magazine’ programming – so called because it is structured like a magazine, with previews of contents and relatively self-contained segments*” (Marshall & Werndly, 2002, p. 48).

O cultural remete, necessariamente para conteúdos culturais e regional porque os conteúdos programático são todos ocorridos em Coimbra e arredores (salvo muito raras exceções), sendo que, há sempre que possível um enfoque aos eventos concretizados pela Escola Superior de Educação de Coimbra ou pelos alunos da mesma.

Sobre como são definidos os conteúdos do programa, o diretor esclarece, “Além de muitas sugestões que nos chegam do exterior (recebemos informações, *press-realeses*), os elementos da equipa base, juntamente com os estagiários (quando os há), sugerem conteúdos” e que por fim são debatidos com o diretor que tem a palavra final na decisão da inclusão, ou não, de determinada matéria no programa ou nos canais da Internet.

Contudo, é também importante referir o terceiro capítulo da mesma obra de Marshall e Werndly, “*The Language of Television*”, uma vez que dá espaço à reflexão sobre géneros televisivos afirmando, porém, que a classificação não é científica dependendo de classificações gerais e fatores estruturais como as narrativas, os temas e de caracteres funcionais.

Por sua vez torna-se pertinente descodificar o termo “género” ou “genre”. Marshall e Werndly dão uma ajuda: “*Genre comes from the French word meaning ‘type’ or ‘kind’. In English the word is used in an academic context in the study of textual media, such as film, painting, literary fiction, music or television*” (Marshall & Werndly, 2002, p. 39).

Mas para se descrever um texto indicando-o pertencer a um determinado género é, segundo a opinião dos autores, classificá-lo pelo tipo. Será mais fácil compreender isto, se pensarmos em agrupar géneros devido às suas características comuns. Marshall e Werndly exemplificam: “*We can therefore refer to film genres, music genres, fiction genres or television genres*” (Marshall & Werndly, p. 39). Afirmando, por fim, que géneros são por isso “... *groups of texts which share conventions*” (*idem*).

4.2 Metodologia do Estudo de Caso

Tendo em atenção às finalidades da presente investigação que passam por, compreender:

- a) O que é o projeto ESECTV;
- b) A importância que a ESECTV tem no percurso académico dos alunos da ESEC;
- c) A relação dos alunos da ESEC com a ESECTV e
- d) Como é que os sujeitos alvo não pertencentes à ESEC se relacionam com a ESECTV, escolheu-se o estudo de caso que, de acordo com Álvaro Santos, citando Robert Yin, “Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Assim, escolheu-se o estudo de caso como metodologia nesta dissertação, porque permite o uso de diversas ferramentas úteis que adequadas à

investigação do programa ESECTV, permitiram compreender a realidade da análise de conceitos, e obter os resultados apresentados no capítulo 5.

4.3 Constituição e organização da amostra do público alvo do estudo

Desta fora, e em coerência com as finalidades do trabalho, o presente estudo desenvolve-se a partir de uma amostra constituída por um agrupamento de 64 sujeitos alvo, organizados do seguinte modo:

Grupo A – constituído por um conjunto de 5 alunos da ESEC que participam na ESECTV;

Grupo B – constituído por 24 alunos da ESEC que não participam na ESECTV;

Grupo C – constituído por 34 pessoas que não pertencem à ESEC;

Grupo D (Sujeito alvo) – constituído pelo responsável pela programação da ESECTV.

Os estudantes (estagiários) que participam na produção do programa da ESECTV são, apenas um dos grupos (Grupo A) da amostra recolhida (ver perguntas usadas em entrevista no Anexo 5).

Outros dois grupos importantes são o B e C, que se destinam à obtenção da opinião de estudantes da ESEC mas que não colaboram na ESECTV (Anexo 6) e o Grupo C de pessoas que nada têm a ver com esta instituição de ensino superior (Anexo 7).

Este grupo pretende ser uma imagem da sociedade e para tal, a investigadora teve o cuidado de recolher informação em diferentes pontos do país, tais como,

Bragança, Guimarães, Covilhã, Guarda, Porto, Aveiro (e arredores), Coimbra (e arredores), Lisboa (e arredores).

Na opinião de José Abrantes (1992), “(...) o emissor, ao definir o sentido inicial da comunicação, é considerado o factor decisivo na construção de sentido. Outros pensam que o sentido está na obra, no seu conteúdo. É esse conteúdo que perdura e que pode ser analisado: o programa de televisão, o artigo de jornal, a notícia na informação radiofónica. Outros pensam que é o recetor, o leitor, o ouvinte quem organiza o sentido da comunicação. Há cada vez mais tendência para dar um papel ativo ao público, ao utilizador na definição de um sentido já não apenas recebido, mas também construído” (Abrantes, 1992, p. 36). Assim: “... a criação de sentido cabe igualmente a quem recebe” (*idem*).

Desta forma, sublinha-se a importância de se saber a opinião dos telespectadores do programa ESECTV.

Por fim mas não menos importante, é o Grupo D onde se enquadra o diretor da ESECTV (responsável pela programação da ESECTV) que, em entrevista à investigadora, deixou claro a importância da participação e colaboração dos estudantes dos diferentes cursos.

Note-se que, as respostas do diretor foram enquadradas ao longo do trabalho e uma vez que a entrevista não é de fácil representação, é a única que aparece transcrita de forma organizada e detalhada (Anexo 8).

Capítulo 5 – Apresentação e discussão dos resultados

Num total de quatro grupos (A, B, C e D), sessenta e quatro entrevistados (de várias idades e géneros) são apresentados os resultados relativos a 29 questões aos sujeitos alvo da amostra recolhida ao longo de todo o processo deste trabalho.

Os resultados seguintes remetem-nos para várias questões sobre os estudantes da Escola Superior de Educação de Coimbra e sujeitos não

estudantes e a sua ligação com o programa ESECTV. Analisando os dados recolhidos e as observações retiradas das entrevistas efetuadas, os valores que são apresentados mostram que:

Grupo A

Antes de iniciarem os estudos na Escola Superior de Educação de Coimbra, a maioria destes estudantes, não via o programa ESECTV onde, agora, se encontram a estagiar.

E se, no início do estágio, alguns alunos não se sentiram muito bem ao ponto de classificarem a sua participação (passamos a citar) “inútil”, depois de conhecerem as rotinas e entrarem no ritmo de trabalho, passaram a considerar-se colaborativos e produtivos.

O entusiasmo e envolvimento na ESECTV, em muito diz respeito às atividades que, estes cinco estudantes, ali desempenham (e que mais há frente são detalhadas).

Grupo B

Em geral, estes vinte e quatro estudantes da ESEC que não colaboram com a ESECTV mostram saber o que é a ESECTV embora a investigadora detete alguma confusão por parte dos mesmos entre os conceitos “canal” e “programa”.

A maioria revelou, ainda, que não veem o programa e antes de começarem a estudar na Escola Superior de Educação de Coimbra, também não viam.

Grupo C

Este grupo é constituído por trinta e quatro pessoas de vários pontos do país, pretendendo por isso, ser uma pequena representação da sociedade portuguesa.

Primeiramente importa esclarecer que as entrevistas a este grupo de sujeitos alvo tiveram como “critério prioritário” saber se, em termos gerais, a sociedade vê ou não o programa da ESECTV.

Uma vez que a ESECTV se insere, como foi anteriormente referido, no espaço universidades do canal da RTP2, tornou-se curioso saber, também, se os entrevistados têm por hábito ver esse canal.

Porém tornou-se interessante perceber se os sujeitos alvo sabem, de facto, do que se trata a ESECTV e por esse motivo, para além da pergunta “O que é a ESECTV?”, a investigadora pediu também para os sujeitos alvo explicarem o que é a ESECTV, dando espaço para que os entrevistados pudessem desenvolver a resposta.

Uma vez que, como também já foi referenciado, a ESECTV marca presença na Internet, tornou-se interessante perceber até que ponto os sujeitos se interessam pela busca dos conteúdos criados pela ESECTV no mundo virtual. Desta forma, a investigadora procurou saber junto dos sujeitos alvo se estes, quando não veem o programa ESECTV na televisão, procuram as reportagens na Internet e se o fazem, onde procuram.

Grupo D

Este grupo é dedicado ao diretor da ESECTV, que em entrevista à investigadora revelou que a ESECTV partiu de uma ideia sua, em 2002 que consistia em criar, “dentro da escola, uma estrutura de produção audiovisual que não se limitasse à produção de conteúdos simulando a realidade profissional mas, sim, produzir profissionalmente para fora da escola” (Diretor da ESECTV, Francisco Amaral em entrevista à autora).

Por sua vez o principal objetivo da ESECTV prende-se precisamente com a intenção de os estudantes vivenciarem a realidade profissional que durante o curso não têm, “expondo ao público o seu trabalho” (Diretor da ESECTV, Francisco Amaral) não se ficando, assim, pela simulação.

5.1 Discussão dos resultados

Grupo A

A este grupo foram aplicadas um total de oito perguntas.

Note-se que aquando decorridas as entrevistas, estavam em processo de estágio três alunos de Comunicação Multimédia e dois de Comunicação Social, sendo que este aspeto pode ter influência no tipo de tarefas aqui registadas.

Posto isto, segue-se, então a Figura 14 que revela as tarefas que estes estagiários desempenham, assim como a quantidade de estagiários que têm a responsabilidade de as cumprir.

Objetivo da recolha de dados:

Perceber quais as atividades desenvolvidas, pelos alunos, no âmbito da sua participação no projeto.

Tarefa	Número de estagiários que a desempenham
Realização	1
Edição	3
Grafismo	2
Reportagem	1
Assistente de produção	3
Captação de imagem	2

Fig. 14 - Tarefas desempenhadas pelos estagiários

Apresentação dos resultados:

Note que os estagiários têm liberdade para escolher desempenhar qualquer tarefa (e mais do que uma), desde que se responsabilizem que são capazes de as cumprir sem que com isso nenhuma saia prejudicada.

A propósito da participação destes alunos na ESECTV a investigadora questionou-os sobre os motivos que os levaram a colaborar na produção do programa e quatro dos estagiários disse que a sua participação foi motivada pelo cumprimento obrigatório de concretizar estágio para terminar o curso. Os alunos revelaram que os estágios que estavam a cumprir têm duração de três a quatro meses e também nessas respostas foi possível verificar que nem todos terminavam o estágio na mesma altura.

A colaboração desses alunos está, portanto, assegurada dentro desse tempo. Para além disso a investigadora, obteve, ainda, respostas como: “aqui é perto de casa”, “vou retribuir a minha formação”, “tenho gosto pela televisão e vídeo” e também “os professores trabalham cá”.

De certa forma, estas respostas vêm confirmar o benefício da ESECTV estar localizada dentro da Escola Superior de Educação de Coimbra e mais o que isso poder contar com os professores na concretização do programa, isto porque, alguns elementos da equipa efetiva da ESECTV são também docentes nessa instituição de ensino.

À semelhança do que fez Patricia Holland (2000) a propósito da recolha e partilha de alguns testemunhos (rever ponto 3.8 “Saber fazer, fazendo” deste trabalho), também a investigadora da presente investigação achou por bem fazê-lo no sentido de se aproximar um pouco mais da realidade vivida pelos alunos em momento de estágio.

Como foi prometido o anonimato (e por esse motivo nunca ser revelado o período em que foram concebidas as entrevistas a estes alunos), os nomes que se seguem são fictícios.

Estes são breves relatos que começaram aquando a investigadora questionou os estagiários (individualmente) sobre como é que cada um percecionava a sua própria colaboração na ESECTV.

Objetivo da recolha de dados:

Perceber o nível de satisfação dos sujeitos alvo (Grupo A) à ESECTV.

“Rafael”	<i>Fraquinho. Há muitos estagiários! Mas já aprendi mais em edição e em câmara do que no curso.</i>
“Marisa”	<i>Útil enquanto estudante. Dá-me responsabilidade e é bom.</i>
“Renato”	<i>No início, inútil. Agora já conheço as rotinas e sou colaborativo. Aqui também tenho espaço para ser criativo.</i>
“Carla”	<i>Considero a minha colaboração produtiva. Sou colaborativa. Estou a pôr em prática coisas que aprendi. É bom ir para o terreno, sair em reportagem.</i>
“João”	<i>Espetacular. Prática. Dá-me liberdade de trabalho e posso explorar outras áreas de trabalho.</i>

Fig. 15 - Testemunhos de estagiários (ESECTV)

Objetivo da recolha de dados:

Perceber o nível de ligação/ associação dos sujeitos alvo (Grupo A) à ESECTV.

Numa tentativa de se perceber desde quando existe uma ligação ao programa ESECTV, a investigadora questionou este grupo sobre se antes de iniciarem os estudos, na Escola Superior de Educação de Coimbra, viam o programa. As respostas (Figura 16) revelam que a maioria não via.

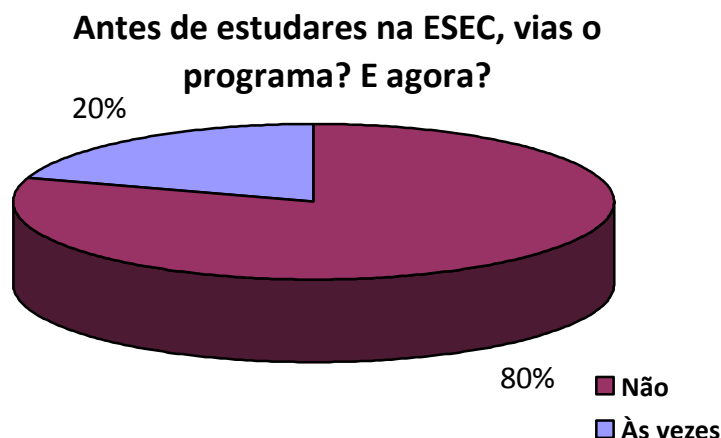


Fig. 16 - Grupo A não via e não vê o programa

Porém o facto de já fazerem parte da instituição, e até mesmo da conceção do programa não alterou em nada os resultados e por isso, serve o mesmo gráfico para representar as respostas à pergunta: “E agora, vês o programa?”

Os 80% (representação das quatro respostas negativas) continuam a não assistir e a única resposta que dança entre o sim e o não (“às vezes”) mantém-se assim mesmo.

Constelação de atributos do Grupo A face à satisfação da participação e desempenho na ESECTV.

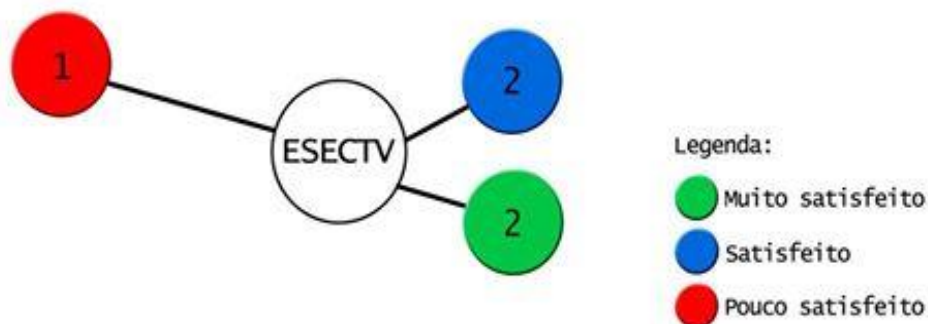


Fig. 17 - Constelação de atributos - Satisfação (Grupo A)

Apresentação dos resultados:

A satisfação na participação e desempenho é notória, e não deixa margem para dúvidas, quando a investigadora pediu a cada aluno que, de forma livre, respondessem sobre a participação e desempenho de cada um na ESECTV.

Desta forma e verificando a Figura 17, obteve-se uma resposta que incide na pouca satisfação, em termos de participação e desempenho, correspondendo a “Fraco”; duas respostas consideradas satisfatórias que afirmam, contribuir para a responsabilidade e criatividade, correspondendo, por isso a “Bom” e por fim, outras duas respostas no sentido de muito satisfeito classificadas como “Muito Bom”, uma vez que remetem para participações produtivas e que permitem alargar várias áreas de trabalho, contribuindo para um aumento de *skills*.

Com intenção de se proceder a um levantamento, o mais abrangente possível, pediu-se ao Grupo A, que de forma livre, enunciasses vários atributos da ESECTV, para que assim se pudessem definir alguns aspetos afetivos ligados ao objeto de estudo (Figura 18).

Constelação de atributos do Grupo A face aos atributos que o este grupo associa à ESECTV.

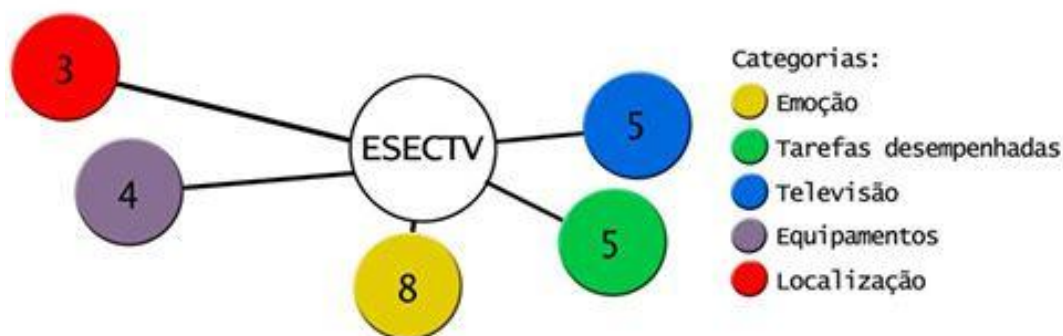


Fig. 18 - Constelação de atributos - Aspetos afetivos (Grupo A)

Apresentação dos resultados:

Na Figura 18 verifica-se que o Grupo A associa fortemente a ESECTV a questões emotivas.

Entre as oito respostas que contemplam esta categoria “Emoção”, obteve-se respostas como família (duas respostas), fixe (uma), Diretor por questões de proximidade e respeito (duas), futuro (uma), conhecimentos (uma) e nova fase da vida (uma).

Com cinco respostas ficou a categoria das “Tarefas desempenhadas” no decorrer do seu estágio, na ESECTV. Assim, foram cinco os sujeitos alvo que, quando confrontados com o nome do programa, remeteram as suas respostas para o que ali desenvolvem. Duas respostas para edição, realização (uma), captação de imagem (duas).

Em igual número de respostas ficou a categoria “Televisão” com respostas como RTP2 (duas respostas), cultura (uma), dez anos (duas). A resposta cultura remete para o género de programa e a resposta dez anos está ligada aos anos que a ESECTV tem de existência.

De sublinhar também que, dentro da categoria “Equipamentos” estão alguns nomes de materiais utilizados na produção e realização do programa, tais como, luzes (uma resposta), estúdio (uma), *croma key* (uma) e câmara de filmar (uma).

Por fim, e menos associado à ESECTV, ficou a categoria de “Localização” com três respostas, ESEC (sede da ESECTV), Coimbra e Rua (relativamente ao sair em reportagem).

Grupo B

Dos vinte e quatro alunos da ESEC que não colaboram na ESECTV, todos revelaram saber o que era a ESECTV embora em algumas respostas seja visível alguma confusão entre os conceitos “canal” e “programa”, uma vez que, foram muitas as respostas que a investigadora anotou em que os estudantes

explicavam que a ESECTV era, “o canal da ESEC”, ou “canal de televisão da ESEC” e também “é um canal que tem um programa na RTP2”.

Sublinha-se o facto dos estudantes entrevistados não serem somente da área de comunicação social.

Desta forma a investigadora considerou que embora os estudantes soubessem em traços gerais, o que é a ESECTV, a confusão entre os conceitos acima referidos não lhes permitiu uma resposta totalmente certa.

Todavia alguns alunos fizeram questão em referir que “é o programa semanal que temos. Falam da ESEC” e também que é o “acesso televisivo dos estudantes” mas sobretudo, e em maioria, a resposta mais dita foi, “é a televisão da escola”.

Confirmado que estava saber de que se tratava, a investigadora pretendeu saber se estes estudantes veem o programa.

Objetivo da recolha de dados:

Como é que os sujeitos alvo (Grupo B), estudantes da ESEC mas não pertencentes à ESECTV, se relacionam com a ESECTV.

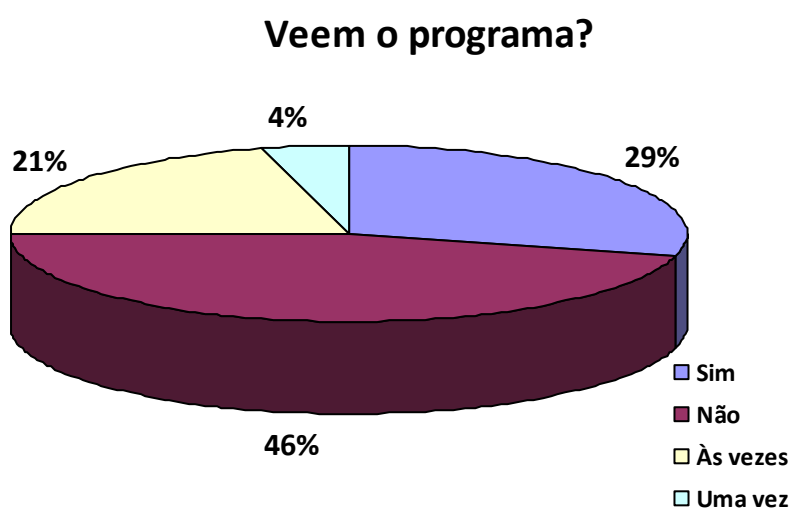


Fig. 19 - Representação da visualização do programa (Grupo B)

Apresentação dos resultados:

De acordo com os resultados apresentados na Figura 19, verifica-se que na sua maioria, o grupo de sujeitos alvo da amostra (do Grupo B), não costuma ver o programa da ESECTV, sendo que um aluno chegou a afirmar que só viu uma vez.

Alguns dos alunos entrevistados tentaram justificar a sua resposta ao dizer que o programa “dá tarde” e ainda que este “não é muito divulgado”.

À semelhança do Grupo A, se se pensava que, de alguma forma, estes alunos pudessem ter sentido alguma motivação para integrar aquela instituição de ensino, devido à divulgação que a ESECTV faz de eventos e *workshops* ali realizados, assim como dos cursos ali existentes, a representação seguinte (Figura 20) vem, quase que, reprovar essa ideia uma vez que apresenta as respostas à questão: “Antes de começares a estudar na ESEC, vias o programa ESECTV?”

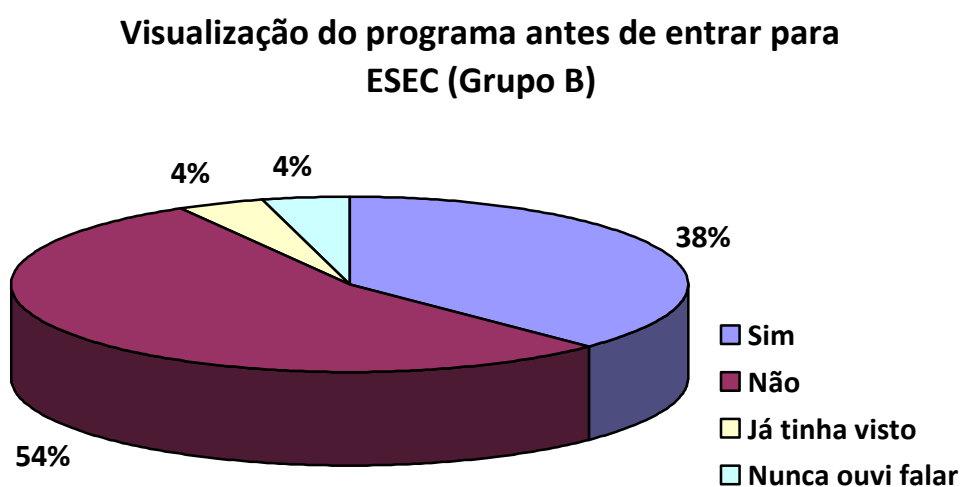


Fig. 20 - Grupo B não via ESECTV

Desta forma, 54% (correspondente a treze alunos) afirmaram que antes de começarem a estudar na Escola Superior de Educação de Coimbra, não viam o programa ESECTV (Figura 20).

Das restantes respostas obtidas, visualiza-se a amarelo a resposta “já tinha visto” que, ao contrário da resposta “sim”, representa que o sujeito tinha visto o programa uma ou duas vezes mas não acompanhava semanalmente. Um aluno revelou, ainda, que antes de começar a estudar naquela Instituição de Ensino Superior, nunca tinha, sequer, ouvido falar do programa ESECTV.

Para os 29% dos alunos (representação de sete alunos) que respondeu afirmativamente sobre se veem o programa ESECTV (ver Figura 19) foi-lhes, também, questionado sobre a preferência dos conteúdos que passam no programa.

Constelação de atributos do Grupo B face aos conteúdos preferidos no programa ESECTV.

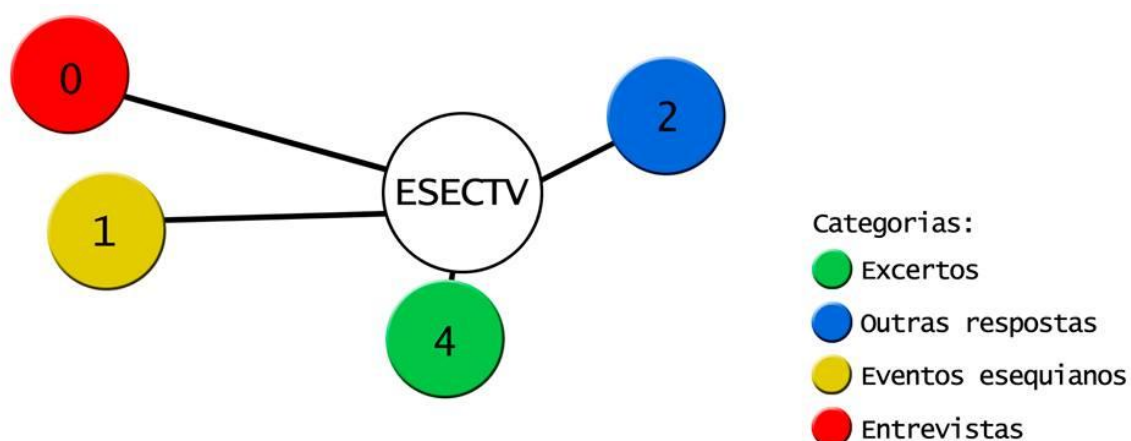


Fig. 21 - Conteúdos preferidos (Grupo B)

Apresentação dos resultados:

De acordo com os dados apresentados no Figura 21, os resultados obtidos dizem que, no que diz respeito aos conteúdos, o grupo de sujeitos alvo da

amostra tem preferência por ver excertos de concertos (duas respostas) e de peças de teatro (duas) representados pela categoria “Excertos”.

Na figura, a opção “outras respostas” inclui respostas não contempladas nas opções de conteúdos a escolher, tais como “cartaz cultural” e “apreciação do desempenho da Sofia” [pívo].

Nas opções de resposta existia, ainda conteúdos relacionados com eventos ocorridos na ou pela comunidade esequiana, representada na categoria “Eventos esequianos”. Esta opção contou com apenas uma resposta.

Por último a opção entrevistas a artistas, representada na categoria “Entrevistas” não obteve nenhuma resposta.

Outra questão colocada para os mesmos 29% dos alunos que respondeu afirmativamente sobre se veem o programa ESECTV (ver Figura 19), foi direcionada para o mundo virtual de forma a se perceber onde é que, na Internet, esses alunos procuram o programa quando, por algum motivo, não o veem às quartas feiras na RTP2.

Constelação de atributos do Grupo B face às plataformas escolhidas para ver o programa ESECTV na Internet.

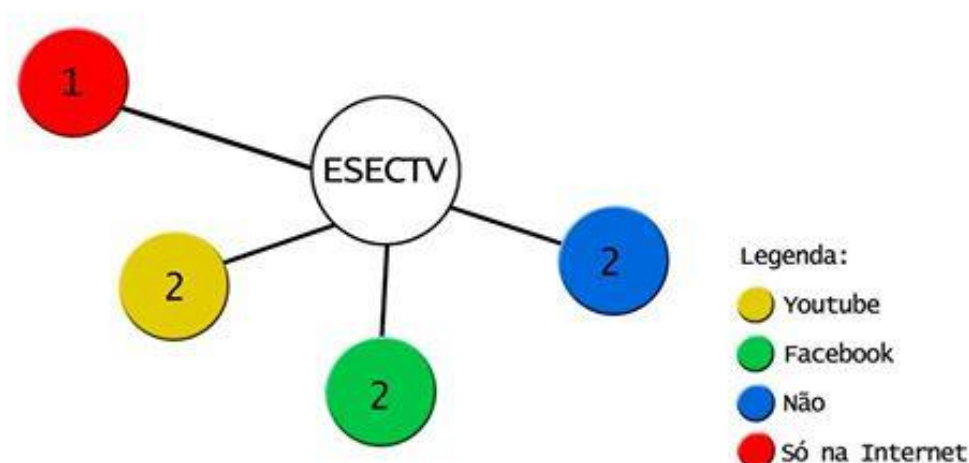


Fig. 22 - Programa na Internet (Grupo B)

Apresentação dos resultados:

De acordo com os dados apresentados na Figura 22, os resultados obtidos dizem que o grupo de sujeitos da amostra tem preferência por procurar o programa, na Internet, no Facebook (duas respostas) e no YouTube (duas).

Num igual número de respostas (duas) está a opção “Não”.

Note-se ainda que, pelo menos um aluno respondeu que só vê o programa na Internet, dando, por isso, preferência às novas tecnologias.

Grupo C

Como foi anteriormente referido este último grupo, composto por 34 entrevistados, pretende ser uma imagem da sociedade e para tal, a investigadora teve o cuidado de recolher informação em diferentes pontos do país, tais como, Bragança, Guimarães, Covilhã, Guarda, Porto, Aveiro (e arredores), Coimbra (e arredores), Lisboa (e arredores).

Os critérios prioritários a cumprir seriam saber se este grupo vê ou não o programa da ESECTV mas os dados permitem saber mais do que isso.

Assim, com a certeza de que se repete um objetivo, este por outro lado não pode ser considerado uma repetição visto que, o objetivo tem novo grupo e como tal, novos dados e, certamente, diferentes resultados.

Primeiramente tornou-se necessário saber dos trinta e quatro entrevistados, quantos costumam ver o canal (RTP2) que transmite o programa ESECTV.

As respostas afirmativas atingiram os 56% (19 respostas “sim”) e 15 respostas “não”, perfazendo os restantes 44% (Figura 23).

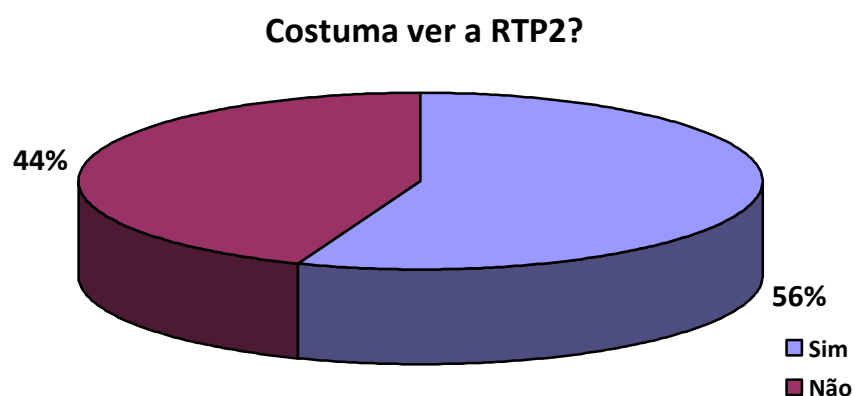


Fig. 23 - Visualização da RTP2 (Grupo C)

Num grupo em que mais de metade dos sujeitos alvo, afirma que costuma ver a RTP2, os dados sobre a questão “sabe o que é a ESECTV?” não surpreendem (Figura 24).

Objetivo da recolha de dados:

Como é que os sujeitos alvo, não pertencentes à ESECTV, se relacionam com a ESECTV.



Fig. 24 - Conhecimento do programa ESECTV (Grupo C)

De acordo com a Figura 24, percebe-se que os resultados são favoráveis no que diz respeito ao conhecimento do programa ESECTV, por parte deste Grupo C.

Mas a questão, em tudo idêntica há que foi feita ao Grupo B, carece de mais informação e/ou certezas.

Por esse motivo, não bastou à investigadora os 65% de respostas positivas (22 pessoas afirmam saber o que é a ESECTV) e deu espaço para que os entrevistados explicassem o que é.

Embora apontados alguns erros em respostas como, “É o canal televisivo da Escola Superior de Educação de Coimbra”, ou “tentam simular, de alguma forma, a programação de um canal televisivo”, “é uma produtora de conteúdos que simula um canal de televisão”, “é um projeto inserido no curso de comunicação social que tem como objetivo mostrar o que produz nas universidades e institutos superiores” e ainda “é conduzido por ex-alunos da ESEC”, certo é que grande parte dos entrevistados respondeu de forma correta, optando por dizer que, “é um programa de televisão”, “é um programa de televisão que passa na RTP2 às quartas feiras à noite. Nele tratam-se assuntos relacionados com a ESEC e com a cidade de Coimbra”, outras respostas igualmente compostas como, “é um programa cultural da Escola Superior de Educação de Coimbra” e até respostas menos detalhadas mas igualmente certas, tais como: “é um programa televisivo produzido por alunos da ESEC” e “é uma televisão universitária sediada na Escola Superior de Educação de Coimbra”.

Constelação de atributos do Grupo C face às palavras mais referidas (e associadas) na explicação do que é o programa ESECTV.

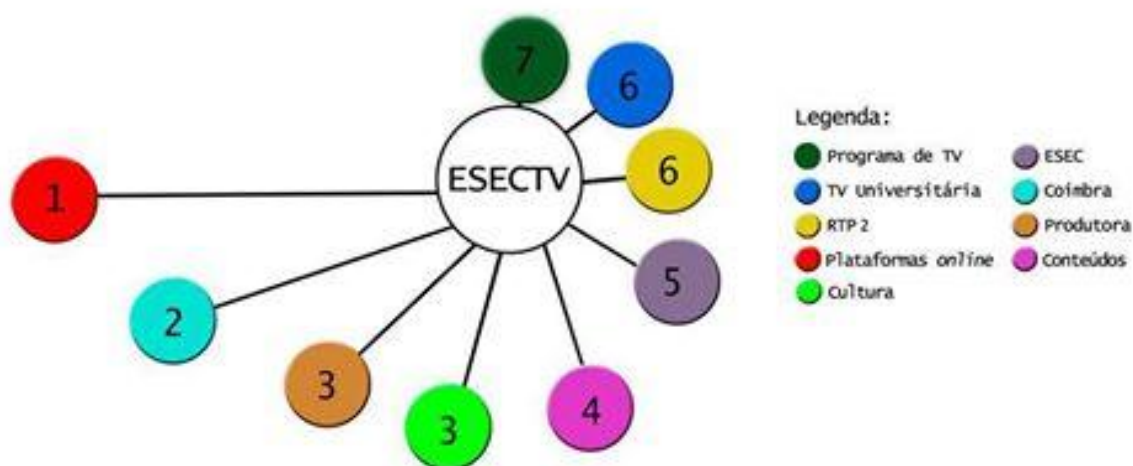


Fig. 25 - Constelação de atributos - Palavras associadas (Grupo C)

Pela Figura 25, nota-se que a ESECTV é fortemente associada a programa de televisão (com sete respostas), mas também a televisão universitária (com seis respostas) e ainda à RTP2 (seis).

Note-se que as palavras seleccionadas para a representação da constelação de atributos na Figura 25 foram as mais referidas no ato da explicação aquando a investigadora questionou sobre “O que é a ESECTV?”.

Uma vez que se tratam de respostas de pessoas que nada têm a ver com a ESEC, é perfeitamente admissível que haja alguma confusão.

A investigadora anotou, ainda respostas que, notoriamente carecem de alguma informação, tais como, “é direccionado, principalmente para a comunidade universitária”, “tem como principal fim a formação dos alunos da ESEC” e ainda, “programa semanal produzido pelo departamento de ciências da comunicação da Escola Superior de Educação de Coimbra”.

Porem as respostas anteriores, em nada faziam prever os dados recolhidos à pergunta: “Costuma ver a ESECTV?”



Fig. 26 - Grupo C não costuma ver o programa

A Figura 26 representa que, a maioria dos sujeitos alvo do Grupo C, não tem por hábito ver o programa ESECTV transmitido pela RTP2 às quartas feiras à noite.

Tal como verificado nos dados do Grupo B (ver Figura 21), também neste grupo se torna pertinente perceber quais os conteúdos que mais gostam de ver no programa ESECTV.

Desta forma, e com várias opções, é possível estabelecer um número para os preferidos mas também saber quais os conteúdos que, este grupo menos gosta.

Constelação de atributos do Grupo C face aos conteúdos preferidos no programa ESECTV.

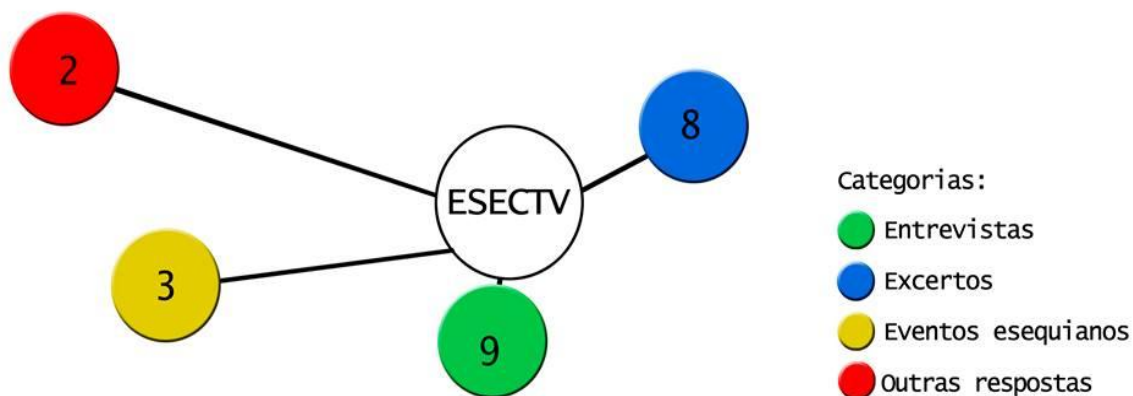


Fig. 27 - Conteúdos preferidos (Grupo C)

Apresentação dos resultados:

De acordo com os dados apresentados na Figura 26, os resultados obtidos dizem que o grupo de sujeitos alvo da amostra, em média, não costuma ver o programa da ESECTV.

Por sua vez, a Figura 27 representa, os conteúdos que os entrevistados deste grupo preferem ver no programa ESECTV.

Note que, apenas vinte e duas respostas foram contabilizadas neste gráfico, uma vez que estes dados dependiam dos resultados obtidos na Figura 24. Desta forma, os 65% dos entrevistados que responderam saber o que é a ESECTV puderam responder a esta questão acerca dos conteúdos preferidos.

Assim, de acordo com a Figura 27, as “Entrevistas” músicos, atores, escritores, entre outros, lideram o topo das preferências (com nove respostas) seguindo-se os excertos de concertos e peças de teatro (oito).

Neste grupo, duas pessoas referiram “exposições de obras de arte”, estando, por isso, contemplado em outras respostas.

Contudo o envolvimento e relacionamento deste grupo com o programa também se faz através dos novos meios de comunicação e principalmente

através da Internet, que como vimos, está cada vez mais presente na vida dos consumidores de televisão.

Como foi, anteriormente, referido no trabalho (rever ponto 2.2.1), a ESECTV marca presença na Internet através de vários locais, tais como YouTube, Vimeo, Twitter, na rede social Facebook e ainda no Blogue e é a propósito dessa disponibilidade *online*, que importa fazer um reconhecimento de como é que a sociedade, retratada neste grupo, se liga ao programa através daquelas redes.

No Grupo C, 71% afirma procurar na Internet reportagens quando, por algum motivo não vê o programa na televisão.

Nesse sentido procedeu-se ao levantamento das preferências, por parte dos telespectadores do programa, sendo que, só aqueles que responderam de forma positiva à questão sobre se procuravam as reportagens da ESECTV na Internet quando não veem na RTP2, foram contabilizadas. Essas respostas (71%) perfizeram um total de vinte e quatro opiniões.

A investigadora facultou as possibilidades, sendo elas: o YouTube, *Site* ESECTV, Blogue, Facebook, Twitter e Vimeo.

A Figura 28 é, por isso, a representação das plataformas mais escolhidas para a visualização do programa na Internet pelo Grupo C.

Constelação de atributos do Grupo C face às plataformas escolhidas para ver o programa ESECTV na Internet.

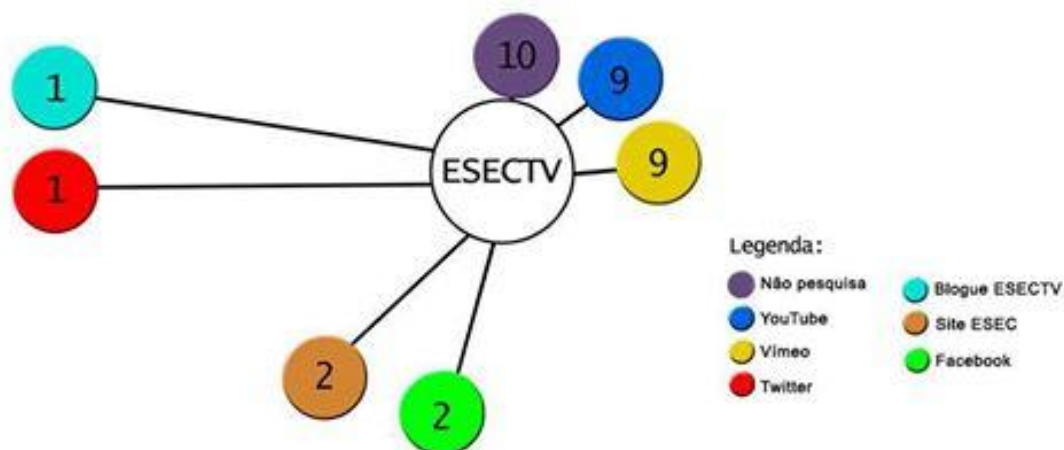


Fig. 28 - Programa na Internet (Grupo C)

Apresentação dos resultados:

De acordo com os dados apresentados na Figura 28, os resultados obtidos dizem que o grupo de sujeitos alvo da amostra foi unânime, sobre os locais *online* onde procuram as reportagens da ESECTV quando por algum motivo (motivo esse não relevante para o presente trabalho), não assistem ao programa na televisão.

O YouTube e o Vimeo, duas plataformas de vídeo, são as opções preferidas dos telespectadores para verem, *online* as reportagens, sendo que ambas obtiveram o mesmo número de respostas (no caso, nove).

As menos escolhidas para o efeito são o Blogue e Twitter da ESECTV.

Conclusões e desenvolvimento futuro

A televisão, de facto, é um meio de massas e enquanto para uns é uma companhia e um meio fulcral de obter informação e entretenimento, para outros, esse entretenimento (sobretudo sem limites) é uma preocupação por se tornar uma influência negativa na formação do indivíduo.

Para além disso, como já se referiu, a televisão tanto pode aproximar fisicamente pais e filhos, em torno do aparelho que, ainda transmite programas destinados às famílias, mas por outro lado pode, também, criar conflitos devido ao vasto leque de canais que o cabo veio oferecer e o manuseamento e controlo do telecomando.

Contudo se por um lado há maior oferta de conteúdos televisivos, por outro a Internet “rouba”, cada vez mais, à televisão o seu público que ainda assim, procura naquele novo meio conteúdo televisivo.

Por falta de qualidade dos conteúdos emitidos ou devido à evolução tecnológica, a certeza de que outrora a televisão contribuiu para a formação e educação de alunos, torna-se uma realidade remota.

Porém, e como se verificou, essa realidade não é assim tão distante sobretudo se se referir a Telescola, à luz da investigação de Ramiro Santos (de 2003) onde alunos dos mais diversos pontos do país, recebiam formação a disciplinas tão diferentes como Matemática, História e Educação Física entre muitas outras.

É importante destacar que as emissoras de televisão não exibem apenas programação nociva (embora seja pertinente perceber os efeitos que os media têm sobre as pessoas) e é neste contexto que se insere a RTP2, com a sua programação diversificada que, por sua vez, abre espaço às Televisões Universitárias.

Assim, podemos olhar para esta situação como uma continuação do apoio da televisão à formação dos estudantes, uma vez que, neste caso, a televisão permite aos estudantes participar na realização de um programa de televisão que abrange, naturalmente, tarefas diversificadas e que implicam diferentes conhecimentos e capacidades. A participação desses estudantes na construção

de um programa de televisão à disposição do público externo à escola, faz com que os estudantes aprofundem os seus conhecimentos e simultaneamente comecem a vivenciar rotinas e situações em tudo idênticas às do mercado de trabalho.

Desta forma, passam da teoria da sala de aula, à prática exigida em contexto real de trabalho que se concretiza no terreno.

Aproximando as conclusões ao caso de estudo aqui analisado, a televisão universitária ESECTV, é uma produtora audiovisual que produz um programa televisivo, com o mesmo nome, que é emitido no canal generalista RTP2. Os conteúdos deste programa são dedicados aos eventos culturais que acontecem na cidade de Coimbra mas também às atividades desenvolvidas pela instituição onde se insere, Escola Superior de Educação de Coimbra.

Não se podem referir conclusões sem que se faça uma organização dos diferentes grupos compostos por sujeitos alvo deste trabalho.

Relativamente ao Grupo A, este grupo faz uma forte associação emotiva à ESECTV mas na hora de ver o programa na RTP2, a ligação entre o grupo e o objeto de estudo deixa de existir, ou pelo menos, não se manifesta através das visualizações.

Porem é possível verificar, que existe um grande envolvimento entre estes sujeitos alvo e a ESECTV sobretudo de alunos estagiários que permanecem ali entre três a quatro meses. Estes alunos têm liberdade para escolher e desempenhar uma ou mais funções dentro da produtora desde que se responsabilizem por elas. Esta responsabilidade é vista com agrado por parte dos alunos que, segundo os testemunhos recolhidos em entrevista, revelam que se sentem colaborativos e produtivos, após passar o período de integração no qual se sentem menos úteis.

A acrescentar à satisfação destes alunos, está a forma como sentem que estão, não só a aprofundar mas também a adquirir novas competências académicas ao desempenhar diversas tarefas e funções como, assistente de produção, operador de câmara, repórter, editor de imagem, assistente de realização e responsáveis pelo grafismo do programa.

O Grupo B, composto pelos estudantes da Escola Superior de Educação de Coimbra que não colaboram na ESECTV, revelou que, em traços gerais sabe o que é a ESECTV mas apresentou alguma confusão na distinção entre os conceitos “canal” e “programa”.

Para além disso os resultados permitem também afirmar que os atuais alunos da ESEC desconheciam o programa ESECTV e só depois de iniciarem os estudos naquela instituição de ensino superior obtiveram conhecimento daquele programa televisivo.

Todavia, embora já tenham conhecimento do programa a maioria não acompanha semanalmente a transmissão do mesmo na RTP2.

Na opinião de alguns entrevistados o programa dá tarde e é pouco divulgado.

Já relativamente ao conteúdo do programa ESECTV, este grupo revela que tem preferência por ver excertos de concertos e de peças de teatro.

É, ainda possível verificar que a maioria dos sujeitos alvo, deste grupo ao pesquisar na Internet, reportagens da ESECTV, têm preferência pelas plataformas Facebook e YouTube.

Por sua vez, o Grupo C (uma representação da sociedade), revelou que costuma ver o canal televisivo que dá espaço para o programa ESECTV ser emitido semanalmente (a RTP2).

Este grupo revelou, ainda, saber o que é a ESECTV mas, grande parte dos sujeitos alvo aqui entrevistados, admite que não costuma ver o programa. Todavia as vinte e quatro pessoas que afirmaram pesquisar na Internet as reportagens da ESECTV, revela optar pelas plataformas de vídeo YouTube e o Vimeo. Estas são, assim, as opções preferidas dos telespectadores para assistirem, *online* às reportagens, sendo que o YouTube é a plataforma que se repete (também o Grupo B escolheu YouTube) quando os sujeitos alvo querem pesquisar por reportagens da ESECTV.

Finalmente o Grupo D, composto pelo diretor da ESECTV, o professor Francisco Amaral, esclareceu que a origem da ESECTV partiu de uma ideia sua

que consistia em criar dentro da escola uma estrutura que produzisse conteúdos audiovisuais para fora da escola.

Existia algum receio que a ideia não vincasse mas foi um sucesso que conta já com dez anos de existência.

Verificou-se que o reconhecimento da ESECTV revela-se na importância que o programa tem para a instituição de educação onde se insere mas também para a cultura da cidade de Coimbra.

O que, até ao momento, falta para completar a ideia original da criação da ESECTV é a constituição de um canal universitário no cabo.

Por fim, foi ainda possível, saber (não só pela entrevista realizada ao diretor mas também, em jeito de confirmação, pelo tempo que a investigadora passou na ESECTV) que de facto a equipa da ESECTV reconhece a importância da colaboração, tanto por parte de alunos em regime de estágio, como alunos em colaboração por opção, uma vez que dessa forma é possível chegar a um maior número de eventos. A equipa conta com todos os alunos interessados em envolver-se no projeto que é transmitido semanalmente no canal generalista.

Para além disso, a própria equipa oferece a liberdade para os participantes sugerirem novas ideias, novos eventos, etc. sendo que, como diretor da ESECTV, aquele elemento da equipa tem sempre a última palavra em qualquer decisão.

Para quem é aluno da ESEC o benefício em colaborar na ESECTV, estende-se pelo facto de também ali encontrar os professores, como membros da equipa permanente, e com eles continuar e aprofundar a formação, embora sem a pressão de, no fim, ser avaliado (à exceção dos alunos estagiários).

A equipa da ESECTV proporciona grande à vontade e isso permite que se cumpra o principal objetivo da transmissão do programa, “obrigar” os alunos colaboradores a encarar a realidade profissional, primeiro vivenciando as rotinas e ritmos da produtora e segundo expondo o trabalho ao público, deixando a simulação (com contornos académicos), que grande parte das vezes acontece no decorrer do curso.

Finalmente convém salientar algumas das limitações do estudo realizado: a quantidade de sujeitos alvo que constituem o Grupo A, cinco alunos, todos eles em regime de estágio, ficando também a faltar a opinião de estudantes que colaboram na ESECTV por opção e não por obrigação.

Mais ainda, no presente estudo o Sul do país não está representado convenientemente. Isso deveu-se à dificuldade que a investigadora teve ao tentar representar a sociedade.

Perante estas limitações, sublinha-se a importância de num futuro estudo apurar a opinião de outros colaboradores e também de professores não pertencentes à ESECTV mas que lecionam na ESEC.

Propõe-se, ainda, perceber os motivos que levam os alunos da ESEC (e não só) a não assistir ao programa ESECTV e por fim, aprofundar o tema da Telescola que aqui surgiu sobretudo para fazer uma ponte entre televisão e ensino mas que, como foi visto, aquela realidade (o uso da Telescola no ensino) não se revelou distante dos tempos que se designam modernos, sobretudo quando se reflete na evolução tecnológica que, também neste trabalho se faz referência mas não se aprofunda.

Bibliografia

Abrantes, José (1992) *Os Media e a Escola - Da Imprensa aos Audiovisuais no Ensino e na Formação*. 1ª Edição, Lisboa, Texto Editora

Azambuja, Cíntia Neves de (2008) *Jornalismo Educativo: Da teoria à prática na TV Universitária*, Dissertação de Mestrado – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro.

Baggaley, Jon (s/d) *Psychology of the TV Image* – Center for Communication Studies. University of Liverpool, Gower Publishing

Cádima, Francisco Rui (1999) *Desafio dos Novos Media – a nova ordem política e comunicacional*. 1ª Edição, Editorial Notícias – ISBN: 972-46-0971-5

Cádima, Francisco Rui (1996) *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa*. Editorial Presença

Cloutier, Jean (s/d) *A era de EMEREC ou A comunicação audio-scripto-visual na hora dos self-media*. 2ª Edição – Instituto de Tecnologia Educativa, Lisboa

Coelho, Pedro (2005) *A TV de Proximidade e os Novos Desafios do Espaço Público*. Lisboa, Livros Horizonte

Costa, Ana Rita da Silva (2010) *Experiências na telescola: perspectivas de monitores*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

Datta, Amal (2007) *Effects of Television and the Viewers*. Mittal Publications – ISBN 81-8324-182-4

E. Tarroni, B. Barbalato, E. Celli, F. Pecori (1978) *Comunicación de masas: Perspectivas y métodos*. Editorial Gustavo Gili, Barcelona, Espanha – ISBN: 84-252-0699-5

Ferraz, Jorge & Branco, Vasco (s/d) *A convergência TV-WEB: motivações e modelos*, Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro.

Fernandes, Rogério (1969) *Para a história dos meios audiovisuais na escola portuguesa*, Separata da Revista de Portugal – Série A: Língua Portuguesa – Vol. 34 – Lisboa

Freixo, João Vaz Manuel (2002) *A Televisão e a Instituição Escolar – Os Efeitos Cognitivos das Mensagens Televisivas e a sua Importância na Aprendizagem*, Instituto Piaget – ISBN: 972-771-558-3

Goodhardt, G.J., Ehrenberg A.S.C. & Collins M.A. (1980) *The Television Audience: Patterns of Viewing*, Gower Publishing – ISBN 0-347-01102-0

Holland, Patricia (2000) *The Television Handbook*, 2nd Edition, Goldsmiths College, University of London

Lima, António (2011) *SIC K: uma marca que faz a diferença* - Dissertação de Mestrado do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

Lopes, M. Conceição (1998) *Comunicação e Lucidade na formação do pré-escolar*, Tese de Doutoramento – Universidade de Aveiro

Magalhães, Cláudio (2003), *TV Universitária: Uma Televisão Diferente*, Observatório da Imprensa: Diretório Académico

Martelli, Flávia Cortese (s/d) *TV universitária, um modelo em construção entre o público e o privado*, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru, SP.

Marshall, Jill & Werndly, Angela (2002) *The Language of Television*. Intertext.

Mello, Elson (1998) *Os caminhos cruzados da escola e a televisão*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ministério da Educação e Investigação Científica, Instituto de Tecnologia Educativa, (1977) *Os Meios Áudio – Visuais e o Ensino. Telescola – Ciclo Preparatório TV*. Sínteses Bibliográficas, Lisboa.

Moderno, António (1992) *A Comunicação Audiovisual no Processo Didáctico no Ensino e na Formação Profissional*. Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa Universidade de Aveiro: Edição Autor.

Porcello, Flávio (2002) *TV Universitária: limites e possibilidades*. Porto Alegre: EDIPURS

Potter, W. James (2012) *Media Effects*. SAGE Publications, Inc. – ISBN 978-1-4129-6469-2.

Powell, S Len (1973) *Communication and Learning*. Pitman Publishing.

Priolli, Gabriel (2007) *A nova rede se enreda: TV Brasil, teia de equívocos*. Observatório a Imprensa: TV em Questão.

Rorty, Amélie (1996) *Essays on Aristotle's Rhetoric*. University of California Press – Los Angeles, California – ISBN: 0-520-20228-7.

Santos, Ramiro (2003) *A telescola: Um contributo para a história do ensino em Portugal*. Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense, Porto.

Saperas, Enric (1993) *Os Efeitos Cognitivos da Comunicação de Massas*. Primeira Edição, Edições ASA, Porto – ISBN: 972-41-1134-2.

Sardo, Manuela Cristina (2007) *Contributo da Televisão para a Aprendizagem Informal de Ciência* - Dissertação de Mestrado, Secção Autónoma de Ciências Sociais, Jurídicas e Políticas da Universidade de Aveiro.

Schmidt, J. E. (1974) *La percepción del hábitat*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili.

Schramm, Wilbur, Lerner & Marx (1970) *Educação pela TV* – Edição traduzida por Thomaz Newlands Neto: Edições Bloch.

Serra, J. Paulo (2007) *Manual de Teorias da Comunicação*, Universidade da Beira Interior, Covilhã – ISBN: 978-972-8790-87-5.

Sousa, Álvaro (2011) *Marcas portuguesas: uma metodologia para a afirmação e avaliação dos seus impactos*, Universidade de Aveiro

Wiener, Norbert (1965) *Cybernetics: or Control and Communication in the Animal and Machine* – 2nd Edition, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts – ISBN: 0-262-73009-X.

Wolf, Mauro (1999) *Teorias da Comunicação*, 5ª Edição, Lisboa, Editorial Presença.

Webgrafia

Blogue ESECTV: <http://esec-tv.blogspot.pt/> Acedido a 20 outubro 2012.

Contrato de Concessão do Serviço Público de Televisão em: http://img.rtp.pt/wportal/grupo/governodasociedade/pdf/ser_publicoTV.pdf
Acedido a 11 dezembro 2012.

Facebook ESECTV: <https://www.facebook.com/esectv> Acedido a 20 outubro 2012.

Jornal regional diário Açoriano Oriental, *Crónica de uma morte anunciada*.
Retirado de: http://www.clipquick.com/Files/Imprensa/2011/10-29/1/1_1 -
Acedido a 20 novembro 2012.

Missão, objetivos e obrigações de Serviço Público em: <http://www.rtp.pt/wportal/grupo/governodasociedade/missao.php> - Acedido a 11 dezembro 2012.

Proposta de reconhecimento de mérito, 2012 em: <http://webmanager.ipc.pt/mgallery/default.asp?obj=4418> - Acedido a 20 novembro 2012.

Site da RTP: <http://www.rtp.pt/web/historiartp/1960/telescola.htm> - Acedido a 23 janeiro 2013.

Site da Autoridade Nacional de Comunicações: <http://www.anacom.pt/>
Acedido a 18 outubro 2013.

UNESCO (1980) *Many Voices One World - Communication and Society Today and Tomorrow*. Retirado de:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0004/000400/040066eb.pdf> - Acedido a 18 outubro 2013.

Outros

Accioly, Denise Cortez (2010) *Universidade e Televisão Universitária* – IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade

Lima, Vilma Silva (2003) *CNU: A TV Universitária no Mercado Televisivo Paulista* – INTERCOM, XXVI Congresso Anual em Ciências da Comunicação, Belo Horizonte/ MG.

Ortiz, Pedro *TV USP – perspectivas e desafios futuros de uma TV universitária*. Revista USP, São Paulo, n.61, p. 136 – 145, março/ maio 2004

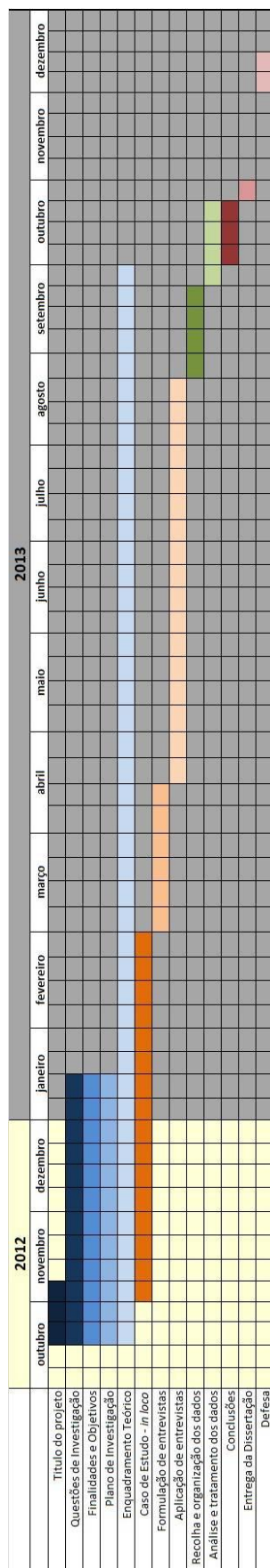
Programa ESECTV – Emissão de 10 de abril. Número do programa: 245

Ramalho, Alzimar, *A interdisciplinaridade na TV Universitária: um estudo de caso*. Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ), 4º Encontro Paulista de Professores de Jornalismo



UNESCO (1982) *Media Studies in Education*. Reports and papers on Mass Communication, nº 80, Paris.

ANEXOS

Anexo 1 – Cronograma



Anexo 2 – Clipping: Jornal regional diário “Açoriano Oriental”

 FAXINFORME	CLIPPING			Tiragem: 5.025
				Área: 298cm ² / 31%
Data: 29.10.2011	Tipo: Jornal Regional Diário	Secção: Nacional	FOTO	Cores: 4 Cores Pág:14

Crónica de uma Morte Anunciada



SOCIEDADE
ANA CRISTINA
GIL
PROFESSORA UNIVERSITÁRIA

É impossível não voltar ao tema dos cortes na RTP quando assistimos a um dos maiores ataques de sempre ao serviço público de televisão. Muito se tem falado sobre a aniquilação que se está a congeminar deste serviço. Porém, isto não é verídico, dizem as vozes reestruturadoras. O que se está a planear não é a sua extinção – dizem os defensores destas medidas de reestruturação da RTP – mas a reformulação do modelo português de serviço público de TV.

O grande problema é precisamente esta reformulação: ela não aniquila, de facto; ela reduz à insignificância os canais públicos de televisão. Ou melhor, ataca sobretudo a RTP2 e as delegações regionais dos Açores e da Madeira. E com esta redução ao grau-quase-zero da existência teremos como efeito final a dita aniquilação. Não há volta a dar.

Da RTP-Açores já aqui falei, por isso centro-me agora na RTP 2. O antigamente chamado “segundo canal” é aquele que, por excelência, garante o cumprimento de um dos parâmetros essenciais na definição do serviço público (seja em que área for): a diversidade, ou seja, a satisfação de vários tipos de público, seja o que consumo o típico produto de massas, seja aquele que constitui um nicho de audiência e que tem também direito, enquanto cida-

dão, a ver na sua televisão os programas de que gosta. *Nativos Digitais, Sociedade Civil, Câmara Clara, 5 para a Meia-noite, séries como Mad Men, Californication, Weeds*, as da *Britcom*, documentários do *National Geographic*, programas que dão oportunidade aos jovens estudantes de Comunicação Social de participarem com a sua produção própria, como é *E:2* (da Escola Superior de Comunicação Social) e *ESEC-TV* (da responsabilidade da Escola Superior de Educação de Coimbra) são apenas alguns exemplos de produtos com qualidade e cuja audiência será, eventualmente, muito abaixo dos números de telenovelas, *reality shows* afins.

Custa-me a crer que um só canal da RTP vai conseguir concentrar os bons programas que o canal 1 e o 2 têm nas suas grelhas. Muita da programação vai ter de ser cortada e algo me diz que são os programas dirigidos a públicos muito específicos que vão ser sacrificados. Aqueles

que têm pouca audiência. Sim, porque a massa da audiência gosta é de ver a medíocre e intragável *Casa dos Segredos*. Isso e jogos de futebol (conjecturo no que levou a RTP a comprar os direitos de emissão dos jogos...). Porém, há muita gente que gosta de documentários, de séries bem feitas, de bons filmes, de música, de concertos, de desenhos animados (daqueles em que não se vêem a cada dois minutos criaturas horrendas, gritos histéricos, ataques de monstros inomináveis e até esguichos de sangue), etc.

Serviço público é também pedagogia. E todos estes tipos de programas que acabei de referir têm este aspecto. A televisão não serve somente para entreter e informar. Ela tem também um papel fundamental de formar, de contribuir para a elevação cultural e intelectual dos telespectadores e não se pode simplesmente demitir desta função. Não quero com isto diabolizar os canais privados, pois alguns dos seus programas são serviço público, mas é inegável que a maior parte da programação dos generalistas privados contribui em muito para o entorpecimento e para a ignorância do público que a consome. Os conteúdos sensacionalistas, por vezes grotescos e abjectos, incentivam à passividade e à recepção apática, procurando simplesmente da parte do espectador uma reacção emocional (e emocionalizada) e anulando, assim, qualquer apelo à racionalidade e ao espírito crítico. É isto que queremos na RTP? ♦

A televisão não serve somente para entreter e informar. Ela tem também um papel fundamental de contribuir para a elevação cultural e intelectual dos telespectadores

gil.anacristina@gmail.com

Anexo 3 – *Clipping*: Proposta de reconhecimento de mérito – ESECTV

PROPOSTA DE RECONHECIMENTO DE MÉRITO AO NÚCLEO DE RUGBY DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DA ESAC E AO PROJECTO ESECTV.

Nos termos da alínea g) do ponto 1 do artigo 21^º dos Estatutos do IPC venho solicitar ao Conselho Geral que emita parecer relativamente à intenção de atribuir a distinção honorífica de Reconhecimento de Mérito ao NÚCLEO DE RUGBY DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DA ESAC e ao PROJECTO DA ESECTV.

ESEC TV

A ESEC TV é uma estrutura de produção de vídeo e televisão, que funciona na Escola Superior de Educação de Coimbra, com o contributo base de professores e alunos da licenciatura em Comunicação Social, contando também com a colaboração de alunos

e docentes de outras licenciaturas. O funcionamento regular está assegurado por um núcleo base composto por profissionais da área formados pela ESEC.

A ESEC TV tem assegurado nos últimos 8 anos uma presença assídua do IPC e da cidade de Coimbra na televisão nacional, através de um programa semanal no Espaço Universidades do canal RTP2, que conta já com mais de 5 milhões e setecentos mil espectadores, 228 programas em 8 temporadas e uma audiência média de 25 000 espectadores com picos de audiência que ultrapassaram os 100 mil.

Desde o início com forte presença na internet, o canal ESEC TV no Youtube tem perto de 900 vídeos publicados e 800 mil visualizações. As emissões estão disponíveis na íntegra online, através do Vimeo, com interpretação em Língua Gestual Portuguesa. A ESECTV tem um blog e uma página recente no Facebook que atinge cerca de 6000 utilizadores por semana.

Chegada a ERA da Alta Definição, também esse desafio é superado. Desde há meses que a ESEC TV trabalha em Alta Definição.

A ESEC TV é já uma marca da cidade de Coimbra. O percurso não foi fácil, mas saiu vitorioso.

Rui Jorge da
Silva Antunes

Digitally signed by Rui Jorge da
Silva Antunes
DN: cn=Rui Jorge da Silva
Antunes, o=Instituto Politécnico
de Coimbra, ou=Presidência,
email=antunes@ipc.pt, c=PT
Date: 2012.07.02 10:51:27 Z

Anexo 4 – Proposta de representação da constelação de atributos

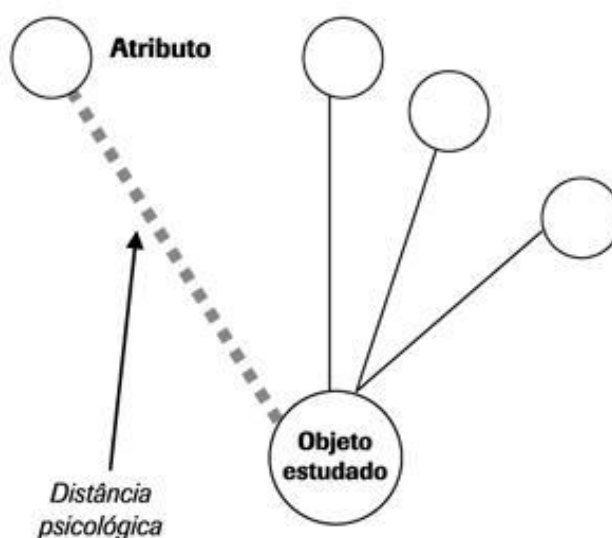


Figura 2: Modelo de representação das constelações de atributos.

Fonte: SCHMIDT (1974)

Anexo 5 – Guia de entrevista aos alunos colaboradores (Grupo A)

- 1- De que curso é?
- 2- Antes de começar a estudar na ESEC, via o programa ESECTV?
- 3- E agora?
- 4- O que faz na ESECTV (cargo/ tarefa)?
- 5- Porque é que começou a colaborar na ESECTV?
- 6- Colabora durante quanto tempo?
- 7- Como avalia a sua colaboração?

Anexo 6 – Guia de entrevista aos alunos ESEC não colaboradores (Grupo B)

- 1- Sabe o que é a ESECTV? Se sim, o que é?
- 2- Vê o programa? Se sim, onde dá?
- 3- Antes de iniciar os estudos na ESEC, via o programa?
- 4- O que é que gosta mais de ver no programa? (Conteúdo)
- 5- Quanto não vê o programa na TV, procura na Internet? Se sim onde?

Anexo 7 – Guia de entrevista ao Grupo C (representação da sociedade)

- 1- Costuma ver a RTP2?
- 2- Sabe o que é a ESECTV? Se sim, o que é?
- 3- Costuma ver o programa?
- 4- O que mais gosta de ver no programa? (Conteúdo)
- 5- Quando não vê o programa na TV, procura na Internet? Se sim, onde?

Anexo 8 – Entrevista ao Diretor da ESECTV (Grupo D - Sujeito alvo)

1- Quando e como surgiu a ESECTV?

“Surgiu em 2003. Partiu de uma ideia apresentada em 2002 por mim. A ideia era criar dentro da escola uma estrutura de produção audiovisual que não se limitasse à produção de conteúdos simulando a realidade profissional, mas sim produzir profissionalmente para fora da escola.

Inicialmente pretendia-se responder a solicitações de empresas e instituições e também contribuir para a constituição de um canal universitário no cabo”.

2- Como define a ESECTV?

“Uma pequena produtora de audiovisuais que, em contexto escolar, desenvolve produtos profissionalizados”.

3- Qual o principal objetivo da transmissão do programa da ESECTV?

“Obrigam todos os estudantes que colaboram a defrontar a realidade profissional, expondo ao público o seu trabalho, e não se ficar pela simulação”.

4- Como são definidos os conteúdos do programa?

“Além de muitas sugestões que nos chegam do exterior (recebemos informações, *press-releases*), os elementos da equipa base, juntamente com os estagiários (quando os há), sugerem conteúdos que são debatidos comigo, que é quem tem a palavra final na decisão da sua inclusão no programa ou nos canais da web”.

5- Os conteúdos do programa dirigem-se para que públicos?

“Não definimos à partida um público. Definimos os assuntos em torno dos quais nos movemos: Cultura e Educação”.

6- De que forma pode ser importante, para o percurso académico dos alunos, participarem e/ou colaborarem com a ESECTV?

“A participação dos alunos é importante porque têm a possibilidade, através da ESEC TV, de praticarem efetivamente na construção de um produto que terá o juízo do público e não se fica pelos trabalhos meramente académicos”.

7- A participação e/ ou colaboração de alunos é importante para o programa?

“É. Embora exista uma pequena equipa-base (formada na ESEC), só com os alunos podemos chegar a um maior número de eventos e também absorver ideias novas”.

8- A ESECTV também marca presença no mundo virtual, nomeadamente na rede social Facebook mas também no YouTube, com a partilha de reportagens. Esta presença pretende ser uma forma de acompanhar as tendências de outros programas televisivos ou "apenas" visa uma outra forma de disseminação do trabalho produzido pela ESECTV?

“Não. Não se trata de acompanhar tendências. Desde o início (em 2003) que disponibilizamos o nosso trabalho na *web*.

A partir de 2005 passámos também a usar o Youtube, que não existia até aí, bem como outras plataformas e redes sociais que fomos sempre acompanhando. Modéstia à parte, antes mesmo da existência destas formas de partilha, a ESECTV conseguia ir mais longe do que a RTP2, através da *web*.

No arquivo do nosso *site*, existem ainda vídeos produzidos em 2003, quando ainda não existia Youtube nem Facebook”.